

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA LICENCIATURA PLENA

Valmer dos Santos Nascimento

**ESCOLA NÃO SEXISTA: OS DESAFIOS DA DIFERENÇA NOS
ESPAÇOS EDUCATIVOS**

**Santa Maria, RS, Brasil
2019**

Valmer dos Santos Nascimento

**ESCOLA NÃO SEXISTA: OS DESAFIOS DA DIFERENÇA NO
ESPAÇO EDUCATIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia –
Licenciatura Plena, da Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM, RS),
como requisito parcial para a obtenção
de grau de **Licenciado em
Pedagogia.**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Márcia Eliane Leindcker da Paixão

Santa Maria, RS, Brasil

2019

Valmer dos Santos Nascimento

**ESCOLA NÃO SEXISTA: OS DESAFIOS DA DIFERENÇA NO
ESPAÇO EDUCATIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia –
Licenciatura Plena, da Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM, RS),
como requisito parcial para a obtenção
de grau de **Licenciado em
Pedagogia.**

Defendido em 11 de julho de 2019:

Márcia Eliane Leindcker da Paixão, Dra. (UFSM)
(Presidente, Orientador)

Ana Carla Hollweg Powaczuk, Dra. (UFSM)

Santa Maria, RS
2019

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de manifestar aqui a minha gratidão a Deus, que me deu força e esperança para correr atrás dos meus sonhos e objetivos, possibilitando que o dia de hoje fosse possível. Agradeço ao meu herói e a minha heroína, no qual possuo a dívida de chamá-los de pai e mãe, sendo eles Volmir e Neusa, que batalharam muito para eu estar onde estou hoje, sempre tentando me possibilitar uma educação e formação de qualidade. Agradeço pelo amor incondicional que vocês possuem por mim e pelo exemplo de seres humanos que vocês são.

Agradeço também aos meus irmãos Camila, Gabrieli e Victor pela torcida e apoio que me deram em momentos difíceis. Agradeço a amorosidade e reciprocidade que nos une e nos entrelaça enquanto família e amigos. Sem vocês minha história não seria a mesma.

Agradeço aos meus educadores que durante anos compartilharam seus saberes comigo, onde foram essenciais para minha escolarização e para o profissional que me tornei, agradeço em especial a professora Tais de Fatima Rosa dos Santos, que teve um papel fundamental na minha vida, pois viu a minha essência quando fui seu aluno. Agradeço aos educadores por possibilitarem que meus sonhos fossem possíveis e por serem inspiradores de minha caminhada enquanto professor.

Meu eterno agradecimento a minha amiga/irmã Vanessa, que sempre esteve comigo em todos os momentos bons e ruins e a todos os meus amigos que contribuíram valiosamente para minha jornada profissional, pessoal, social, moral e ética, mostrando que as relações de afetividade contribuem para a construção de nossa identidade.

Agradeço também a minha orientadora Márcia Paixão pelas orientações, ensinamentos, cobranças e pela paciência. Sem essa parceria nada disto seria possível.

A todos que de diferentes maneiras se fizeram presentes na construção de minha identidade, agradeço e crio laços de esperança na certeza de podermos continuar dialogando em outros espaços.

RESUMO

ESCOLA NÃO SEXISTA: OS DESAFIOS DA DIFERENÇA NO ESPAÇO EDUCATIVO

AUTOR: Valmer dos Santos Nascimento

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Márcia Eliane Leindcker da Paixão

Este trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia (Noturno) da Universidade Federal de Santa Maria aborda o tema relações entre educação e gênero. Apresenta como problema de pesquisa: “De que maneira a docência pode contribuir com uma escola não sexista?”. Traz como objetivo geral: Compreender a relação entre educação e gênero na perspectiva de uma escola não sexista. E como objetivos específicos: 1) Identificar as relações entre gênero e educação; 2) Investigar possibilidades de uma educação não sexista. Com isso, inicia-se o processo de escrita, memórias, construções e sonhos de uma narrativa que tem como base semear a esperança. Ao longo da pesquisa ressignifico lembranças de minha trajetória pessoal que foram base fundamental para a elaboração desse trabalho, fazendo uma ligação entre teoria e prática a fim de estabelecer um diálogo entre os desafios enfrentados por mim e os desafios para uma educação não sexista. A partir disso, reescrevo teorias e me inspiro em diferentes autores para fundamentar minha pesquisa, tais como: Marie Chistine Josso (2004), Christine Delory-Momberger (2014), Paulo Freire (1996), Guacira Lopes Louro (2007), entre outros. No decorrer de minha pesquisa trago situações que foram geradoras do tema aqui proposto, buscando compreender os motivos pelos quais algumas coisas acontecem. A partir disso, trago sugestões e questionamentos para uma educação não sexista, buscando compreender o processo de construção de identidade e de gênero, propondo que a escola seja um ambiente de aprendizados e de buscas permanentes por conhecimento sem rótulos e sem preconceitos. A pesquisa mostrou que a busca por uma educação não sexista é real, buscando estabelecer práticas que não separem homens e mulheres por cor ou gênero, mas que se unam por serem pessoas, daí a importância da reflexão acerca de nosso posicionamento no mundo e de nossa postura enquanto seres formadores de opiniões e capazes de transformar o mundo através de nossas opiniões e ações, fazendo do ato de educar um ato empoderado, sério e significativo. Finalizo com a sensação de que é possível uma educação que não discrimina, que é humana, crítica e justa.

Palavras-chave: Gênero; Docência; Escola não sexista.

ABSTRACT

This work of conclusion of the Course of Pedagogy (Night) of the Federal University of Santa Maria addresses the theme of relations between education and gender. It presents as a research problem: "In what way can teaching contribute to a non-sexist school?". It aims to: Establish a dialogue between education and gender in view of a non-sexist school. And as specific objectives: 1) systematize the dialogue between gender studies and education 2) promote reflection on non-sexist education. With this, begins the process of writing, memories, constructions and dreams of a narrative that is based on sowing hope. Throughout the research, I restate memories of my personal trajectory that were fundamental to the elaboration of this work, making a connection between theory and practice in order to establish a dialogue between the challenges faced by me and the challenges to non-sexist education. From this, I rewrite theories and draw inspiration from different authors to support my research, such as: Marie Chistine Josso (2004), Christine Delory-Momberger (2014), Paulo Freire (1996), Guacira Lopes Louro . In the course of my research, I bring situations in which it took courage to follow and reminisce, situations that generated the theme proposed here, trying to understand the reasons why some things happen. From this I bring suggestions and questions to a non-sexist education, seeking to understand the process of identity and gender construction, proposing that the school be an environment of learning and permanent searches for knowledge without labels and without prejudice. The research showed that the search for a non-sexist education is real, seeking to establish practices that do not separate men and women by color or gender, but that unite for being people, hence the importance of reflection about our position in the world and our posture as creators of opinion and able to transform the world through our opinions and actions, making the act of educating an act empowered, serious and meaningful.

Keywords: Gender; Teaching; Non-sexist school.

METAMORFOSE AMBULANTE

Prefiro ser
Essa metamorfose ambulante
Eu prefiro ser
Essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião
Formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião
Formada sobre tudo
Eu quero dizer
Agora o oposto do que eu disse antes
Eu prefiro ser
Essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião
Formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião
Formada sobre tudo
Sobre o que é o amor
Sobre o que eu nem sei quem sou
Se hoje eu sou estrela
Amanhã já se apagou
Se hoje eu te odeio
Amanhã lhe tenho amor
Lhe tenho amor
Lhe tenho horror
Lhe faço amor
Eu sou um ator
É chato chegar
A um objetivo num instante
Eu quero viver
Nessa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião
Formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião
Formada sobre tudo
Sobre o que é o amor
Sobre o que eu nem sei quem sou
Se hoje eu sou estrela
Amanhã já se apagou
Se hoje eu te odeio
Amanhã lhe tenho amor
Lhe tenho amor
Lhe tenho horror
Lhe faço amor
Eu sou um ator
Eu vou desdizer
Aquilo tudo que eu lhe disse antes
Eu prefiro ser
Essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião
Formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião
Formada sobre tudo

SUMÁRIO

1 INICIANDO O PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DE MIM MESMO.....	09
2 UM OLHAR SENSÍVEL E REFLEXIVO: MEMÓRIAS-BASE.....	13
2.1 As primeiras memórias.....	14
3 A CONSTITUIÇÃO FAMILIAR ENQUANTO BASE PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE QUEM SOU HOJE.....	21
3.1 Época da Educação Infantil/Anos Iniciais.....	21
3.2 Um coração esperançoso pode ser a sua magia: você é capaz de transformar o mundo, basta acreditar.....	28
4 DIALOGANDO COM O FINAL DO ENSINO FUNDAMENTAL E RELEMBRANDO O PROCESSO DE BASE EDUCACIONAL.....	35
4.1 O Poder (auto)(trans)formador da educação: um processo permanente e humanizado - O Ensino Médio e o Ensino Superior.....	38
5 INTERROMPENDO O DIÁLOGO PARA IR ALÉM DA PESQUISA.....	45
6 REFERÊNCIAS.....	52

1. INICIANDO O PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DE MIM MESMO

A partir do momento em que nos tornamos seres com capacidade de pensamento crítico, também nos tornamos escritores de nossas próprias histórias, fazendo com que todas as vivências e desafios sejam enredo de nosso protagonismo histórico e social. Com base nisso, o que se propõe aqui vai muito além de um trabalho de pesquisa, mas a sistematização de memórias, sentimentos e experiências que são base e estrutura para que hoje fosse possível escrever o trabalho. É preciso salientar que a escrita aqui proposta se faz indispensável pela necessidade de diálogo com minha história de vida para poder explicar o processo pelo qual passei. Christine Delory-Momberger explica que:

A “escrita da vida”, a qual remete a etimologia e o sentido comum da palavra biografia, será entendida aqui como uma atitude primordial e específica do vivido humano: antes mesmo de deixar qualquer marca escrita, sobre a sua vida, antes de qualquer tradução ou expressão de sua existência e formas escriturais (diário, memória, correspondências, autobiografia, etc), o homem escreve sua vida. A percepção e o entendimento do seu vivido passam por representações que pressupõe a representação do curso de sua existência e do lugar que nela pode ocupar uma situação ou um acontecimento singular. (MOMBERGER,2014, p. 65)

Tudo que está aqui se baseia na vivência do escritor fazendo com que todos os sentimentos, medos, anseios, vontades e verdades se entrelacem em busca de uma compreensão teórica. Portanto o que se estabelece aqui é uma busca pelo autoconhecimento e o incentivo para que novas histórias sejam possíveis e que as experiências possam ser sistematizadas. Posso dizer que a escrita faz parte do meu protagonismo histórico.

Ao me remeter ao processo de lembrança e reflexão de minha trajetória foi preciso ter consciência de quem fui e de quem sou para entender minha busca por novos conhecimentos. Nesse sentido, as palavras de Paulo Freire contribuem para enfatizar meu processo:

Gosto de ser gente, porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado. A diferença entre o inacabado que não se sabe como tal e o inacabado que que histórica e socialmente alcançou a possibilidade de saber-se inacabado. Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta da influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito a ver comigo mesmo. (FREIRE, 1996, p.59)

As vivências aqui expostas emergem de um processo de busca de memórias que até então eram compartilhadas com um público muito restrito. A decisão de abrir o leque de recordações se faz necessária a partir do momento em que decido adentrar no caminho do autoconhecimento fazendo com que minha existência não seja mera casualidade, mas sim, o nascimento de um ser com o poder de autotransformar-se diante das dificuldades que se fizeram presentes em minha vida. As dificuldades estão aí para isso: nos ensinar a caminhar, diz o ditado popular. Teorizando a experiência, Marie-Christine Josso afirma que:

O que está em jogo neste conhecimento de si mesmo não é apenas compreender como nos formamos por meio de um conjunto de experiências de que este reconhecimento de si mesmo como sujeito, mais ou menos ativo ou passivo segundo as circunstâncias, permite à pessoa, daí em diante, encarar o seu itinerário de vida, os seus investimentos e os seus objetivos na base de uma auto-orientação possível, que articule de uma forma mais consciente as suas heranças, as suas experiências formadoras, os seus grupos de convívio, as suas valorizações, os seus desejos e o seu imaginário nas oportunidades socioculturais que soube aproveitar, criar e explorar, para ser um ser que aprenda a identificar e a combinar constrangimentos e margens de liberdade. (JOSSO, 2004, p.58).

A pesquisa acontece através da escrita narrativa de minhas vivências enquanto ser humano/aluno/professor de Educação Infantil em busca de reflexão permanente de minha trajetória para estabelecer uma conexão entre os conceitos e as obras aqui citadas. A narrativa se faz necessária no processo de escrita autobiográfica para compreender de que forma as relações vem se estabelecendo durante minha trajetória. Com isso, a pesquisa emerge de um processo histórico de inconclusões superadas ao longo de minha vida. Para tanto, busco dialogar a partir da narrativa de uma pesquisa autobiográfica e com as questões de educação e de gênero na atualidade. Delory-Momberger afirma que

As fontes (Auto)biográficas, constituídas por histórias de vida, relatos orais, diários, autobiografias, cartas, memoriais, entrevistas, escritas escolares e videográficas, configuram-se como objeto de investigação transversal nas Ciências Sociais e Humanas. Em Educação, a pesquisa (auto)biográfica amplia e produz conhecimento sobre a pessoa em informação, as suas relações com territórios e tempos de aprendizagem e seus modos de ser, de fazer e de biografar resistências e pertencimentos. (MOMBERGER, 2014, p. 74)

No aspecto metodológico, apoio-me ainda em Maria Cecília de Souza Minayo (2003) que salienta que a pesquisa é o caminho do pensamento a ser seguido. Ocupa um lugar central na teoria e trata-se basicamente do conjunto de técnicas a ser adotada para construir uma realidade. A pesquisa é assim, a atividade básica da

ciência na sua construção da realidade. A narrativa se faz presente na pesquisa justamente pela necessidade de dialogar acerca de minhas ações e de minhas construções enquanto ser humano incompleto, mas consciente. Assim, interligo a abordagem das histórias de vida com a pesquisa. Nessa linha, Christine Delory-Momberger destaca:

[...] é a narrativa que constrói, entre as circunstâncias, os acontecimentos, as ações, as relações de causa, de meio, de finalidade, que polariza as linhas de nossos enredos entre um começo e um fim e os leva para a sua conclusão; que transforma a relação de sucessão dos acontecimentos encadeamentos finalizados; que compõe uma totalidade significativa, na qual cada evento encontra seu lugar, segundo sua contribuição na realização da história contada. É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida; é ela, enfim, que da uma história a nossa vida: não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida. (MOMBERGER, 2014, p.35-36)

A pesquisa qualitativa, trata-se de uma atividade da ciência, que visa a construção da realidade, mas que se preocupa com as ciências sociais em um nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando com o universo de crenças, valores, significados e outros contratos profundos das relações que não podem ser reduzidas à operacionalização dos dados. A pesquisa aqui proposta busca um diálogo com minha trajetória e com a construção de meu processo de busca permanente pelo conhecimento. Maria Helena Menna Barreto Abrahão destaca que:

As (auto) biografias sendo constituídas por narrativas em que se desvelam trajetórias de vida, é processo de construção que em a qualidade de possibilitar maior clarificação do conhecimento de si, como pessoa e profissional. Àquele que narra sua trajetória. Nesse sentido, tentamos capturar sinais de compreensão que os educadores desenvolveram, mediante ressignificação do vivido, pela reflexão sobre si e sua profissão docente no momento da narração, bem como eleger para referir algumas dimensões universais percebidas no conjunto de educadores por nós estudados: formação pessoal-profissional e identificação com o "ser educador. (ABRAHÃO, 2006, p.161).

A presente pesquisa nada mais é do que uma conversa entre eu e o eu do passado com janelas para o futuro, para que tanto eu como você possamos compreender que o diálogo nunca termina, pois se hoje estou aqui é porque ontem eu estive lá. O que quero esclarecer é que por mais que o passado seja por vezes assombroso, ele faz parte do nosso presente, pois não posso ser quem sou se eu esquecer quem fui. A vida nada mais é do que um caminho de erros e acertos, tentativas e fracassos, de afetos e desafetos, e é por isso que na aceitação de ser quem sou, um ser inconcluso porém consciente dessa condição que me proponho a dialogar com quem quiser ler, conhecer e, quem sabe, compreender o meu processo de busca por novos conhecimentos. Minha existência é baseada na construção

permanente, ou seja, minha busca por conhecimento e por superação se reinicia todo dia, tendo em vista a reflexão proposta por Paulo Freire:

Seria irônico se a consciência de minha presença no mundo não implicasse já o reconhecimento da impossibilidade de minha ausência na construção da própria presença. Não posso me perceber como uma presença no mundo, mas, ao mesmo tempo, explicá-la como resultado de operações absolutamente alheias a mim. Neste caso o que faço é renunciar à responsabilidade ética, histórica, política e social que a promoção do suporte a mundo nos coloca. (FREIRE, 1996, p.59)

A proposta aqui pretendida é trabalhar principalmente com o viés da autobiografia, buscando complementar minha fala com a fala de autoras e autores conhecidos e de sujeitos que foram presentes e necessários para que eu chegasse até aqui. Nesse sentido, a estrutura do trabalho e a linguagem seguem ancoradas nessa metodologia.

A escrita estará dividida em quatro capítulos, sendo que um complementa o outro nos mais diferentes aspectos, onde busco entrelaçar minha história de vida com as teorias abordadas. Com isso, os capítulos se baseiam na perspectiva da continuidade e da busca por novos saberes, fazendo com que eu revise o início e o fim para compreender o meio. Nessa perspectiva, Christine Delory-Momberger afirma que:

Enquanto conjunto de representações que o indivíduo constrói da própria vida e de sua história, a biografia tornou-se um componente e um horizonte do campo educativo. A maneira como os indivíduos biografam suas experiências e, em primeiro lugar, a maneira como integram em suas construções biografias o que fazem e o que são na família, na escola, na sua profissão e na formação continuada são parte integrante do processo de aprendizagem e de formação. (MOMBERGER, 2014, p.30)

Assim, o problema de pesquisa ficou assim estruturado: “De que maneira a docência pode contribuir com uma escola não sexista?”. O objetivo geral: Compreender a relação entre educação e gênero na perspectiva de uma escola não sexista. E como objetivos específicos: 1) identificar as relações entre gênero e educação; 2) investigar possibilidades de uma educação não sexista. Com isso, inicia-se o processo de escrita, memórias, construções e sonhos de uma narrativa que tem como base semear a esperança.

2. UM OLHAR SENSÍVEL E REFLEXIVO: MEMÓRIAS-BASE

Escrevo sobre memórias-base, pois me remete aquelas pequenas coisas que guardo no meu eu. Essas lembranças constituem a minha essência e, ao mesmo tempo, me dão a possibilidade de viajar pelo interior de meus pensamentos, deixando o meu sistema nervoso ser completamente tomado por um misto de sentimentos bons e ruins. Digo mais, as memórias-base são muito especiais, pois estão diretamente ligadas à nossa personalidade e aos nossos gostos pessoais. Utilizo o termo memórias-base por me remeter as memórias que estão guardadas no inconsciente de cada indivíduo, sendo essas memórias responsáveis pela produção e reprodução de todos os sentimentos escondidos ou, quem sabe, esquecidos no íntimo de cada um.

As memórias-base são eixos fundamentais para a construção de novos conhecimentos, sendo que a cada novo aprendizado essas memórias são ativadas como gatilhos e assim se tornam incentivadoras de novos conhecimentos. As memórias estão guardadas de acordo com seu grau de importância e necessidade, com isso são lembradas e ativadas nas mais diversas circunstâncias. As memórias, ao serem ativadas e cultivadas, criam ilhas da personalidade, sendo elas criadas a partir das memórias-base, que são responsáveis por reprojeter no nosso consciente os momentos semelhantes já vividos. As ilhas constituem nossas melhores e mais significativas memórias, é através delas que nossa moral é formada e, por consequência, influenciam diretamente na construção de nossa identidade social, moral e crítica. A identidade surge desde o nosso nascimento e vai se moldando e se auto modificando ao longo da vida e dos aprendizados que por ventura vão surgindo. Nesse sentido, as memórias se transformam em formação e apresentam inúmeras possibilidades para a pessoa. Nessa linha de pensamento, Marie-Christine Josso diz que:

As histórias de vida tornaram-se, há cerca de vinte anos, um material de pesquisa muito em voga nas ciências do humano, e não há simpósio, colóquio ou encontro científico que não lhes conceda um lugar importante. No campo da educação, além dos trabalhos de pesquisa-formação, assistimos ao desenvolvimento nos currículos, nomeadamente na formação de professores, de uma sensibilidade à história dos aprendentes e da sua relação com o saber, ao mesmo tempo que a formação contínua se abria ao reconhecimento dos saberes adquiridos. (JOSSO, 2004, p. 19)

Falar em histórias de vida me remete ao pensamento de que todos possuímos uma bagagem emocional e sensorial que nos permite dialogar com o mundo a respeito de nós mesmos. A partir do momento em que essas histórias se encontram, torna-se possível a escrita de novas possibilidades, daí a necessidade e a importância do diálogo acerca de mim e de minha história para que novos caminhos sejam trilhados. Início, então, a minha história relacionando com o tema de minha pesquisa.

2.1 As primeiras memórias...

Nesse capítulo, irei descrever algumas memórias que vivenciei antes de entrar no âmbito escolar e após iniciar a Educação infantil. Tais lembranças serão pautas na temática desta pesquisa final de graduação.

Sou Valmer dos Santos Nascimento, tenho 25 anos, sou branco, gay e professor na Educação Infantil. Considero-me um homem maravilhoso, alegre, divertido, empoderado e muito humilde. As memórias aqui descritas são significativas e, por isso, se tornaram memórias-base que criaram ilhas da personalidade, fazendo com que o eu adulto resgatasse o eu criança. Com isso, vivo em um eterno diálogo comigo mesmo, pois diante da vida adulta não perco a esperança, a criatividade e os sonhos oriundos do coração de uma criança que todos os dias dorme e acorda sonhando com um mundo melhor.

Acredito que minha infância foi muito boa em diversos aspectos, já em outros, nem tanto. Sempre morei em regiões afastadas do centro da cidade. Fui uma criança super agitada igual a uma espoleta. Posso dizer que brinquei muito de subir em árvores, jogar bola com meus amigos, sempre gostei de brincar de fazendinha e adorava brincar com carrinhos e o mais importante é que sempre aproveitei os momentos na natureza para as brincadeiras inventadas. De acordo com Sócrates Di Lima (2017) a criança que temos dentro de nós e que deveríamos mantê-la sempre ativa é que nos alivia das dores do amanhã e do desassossego de hoje. Saliento que nunca fui fã das bonecas, mas nunca tive boas experiências quando brinquei com as mesmas, pois os olhares dos adultos sempre interferiam no meu ato de brincar.

Sempre me perguntei por que adultos, na maioria das vezes, classificam as pessoas dizendo que essa pessoa não segue o padrão considerado “normal”. Pode-se dizer que há uma necessidade social de rotular tudo e todos, pois isso deixa tudo em “caixinhas”, num padrão aceitável.

Penso que o olhar da criança é completamente diferente, a criança, na sua inocência, não sente essa necessidade de rotular os outros. À medida que vai crescendo, recebe as influências do meio social e começa a seguir os passos e quando percebemos já está reproduzindo as atitudes preconceituosas de alguns adultos.

Lembro-me quando eu era criança e estava brincando com algumas bonecas da minha irmã. Neste dia, meu pai me chamou para termos uma conversa onde ele me explicou que meninos não podiam brincar com bonecas. No seu entender, as bonecas eram brinquedos de meninas e o menino que brincava de boneca era boiola. Ele falou com a voz bem alta: “tu não podes brincar com as bonecas, pois é uma coisa muito feia e deixa o pai envergonhado”.

Naquela época não sabia das construções sociais de gênero e que estas impactavam a vida das pessoas. Hoje entendo que a sociedade determina os papéis que os meninos podem desempenhar no âmbito social e, deste modo, fica evidente que as meninas desempenham outros papéis, diferentes dos meninos perante a sociedade patriarcal. Nesse tempo, nem sabia o que significava boiola e porque os pais ficavam com vergonha de ter um filho boiola. Guacira Louro explica que:

Uma compreensão mais ampla de gênero exige que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico (portanto não dado e acabado no momento do nascimento, mas sim construído através de práticas sociais masculinizantes e feminizantes, em consonância com as diversas concepções de cada sociedade); como também nos leva a pensar que gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são "generificadas", ou seja, expressam as relações sociais de gênero). Em todas essas afirmações está presente, sem dúvida, a idéia de formação, socialização ou educação dos sujeitos. (LOURO, 1995, p.03)

Cabe lembrar que é a inquietação que me move e me cerca desde muito cedo, talvez desde o momento em que aprendi a ler o mundo e na tentativa de compreender de que forma se estabeleciam as relações e normas sociais. A semente da inquietude e da frequente dúvida semeou em mim a esperança de mudar a realidade que me cercava e cercava tantas outras pessoas que sentiam a mesma opressão na qual eu me encontrava. A opressão mesmo que mascarada faz com que os sujeitos não encontrem seu lugar no mundo. Cada sociedade determina suas regras em todos os níveis, e, um deles, é a respeito do gênero. Saliento que gênero e identidade sexual são processos (auto)(trans)formativos permanentes na essência de todo ser, uma vez que a cada novo aprendizado as memórias-base criam novas perspectivas de vida. A

identidade de gênero se constrói de forma permanente e contínua, tendo em vista que se fundamenta na realidade e na percepção de cada um. Guacira Louro explica esse aspecto dizendo que:

O que importa aqui considerar é que — tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento — seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade — que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja "assentada" ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação. (LOURO, 1997, p.27)

Se analisarmos com cuidado e atenção, perceberemos que as instituições de ensino têm grande responsabilidade na construção das regras sociais, uma vez que, muito do que se aprende na escola se aplica na sociedade e vice-versa. Daí a importância de uma reflexão continuada acerca do que se está ensinando nas escolas e de que modo isso está sendo assimilado pelas crianças e adolescentes. A cada novo governo que se instala na sociedade novas regras vem junto com ele. Com isso, a sociedade passa por processos permanentes de metamorfose a cada quatro anos e que incidem diretamente na vida das pessoas em todos os níveis.

Outra lembrança que marcou este período que antecede a escolarização foram as reuniões de família, onde nos reuníamos na casa da vó e do vô para almoçar. Nesse tempo, éramos crianças e meus primos e primas não rotulavam o que era coisas de meninos e meninas, e era um período maravilhoso. Quando cresci comecei a perceber que os homens ficavam todos reunidos num canto fazendo o churrasco e as mulheres ficavam na cozinha limpando, cozinhando e, óbvio, cuidando das crianças. Os meninos começaram a brincar somente com os meninos e as meninas somente com as meninas. Assim, as reuniões de família começaram a ser uma tortura, porque eu era forçado a brincar com os meninos, uma vez que, menino tinha que brincar com menino e menina brincava com menina. Quando eu brincava com os meninos eu sofria bullying, pois os mesmos faziam piadinhas do tipo “Valmer você é um boiola, você parece uma menina, você caminha igual uma menina, você fala igual uma menina.”

Após sofrer por diversas vezes essa prática de bullying compreendi que boiola era um menino que possuía algumas características de meninas. Não foi fácil, pois eu sempre lembrava que meu pai iria ficar triste se eu fosse boiola e eu não queria envergonhar meu pai.

Entre muitas memórias que estou acessando, essa é uma das mais bonitas e também uma das mais importantes que merece ser descrita aqui. É o dia que eu estava brincando com uma toalha azul escuro enrolada em mim como se fosse uma saia e uma jaqueta da cor marrom e laranja. Saliento que essa jaqueta tem um apreço afetivo muito grande para mim, pois era da minha mãe. Os valores afetivos sempre deixam marcas, conforme explica Guacira Louro:

Mas que marcas são essas? O que, supostamente, elas mostram? As marcas devem nos "falar" dos sujeitos. Esperamos que elas nos indiquem - sem ambiguidade - suas identidades. Gênero? Sexualidade? Raça? Aparentemente seriam evidentes, "deduzidos" das marcas dos corpos. Teríamos apenas de ler ou interpretar marcas que, em princípio, estão lá, fixadas, de uma vez e para sempre. Então, ficamos desconfortáveis se, por algum motivo, nossa leitura não é imediatamente clara e reveladora; se, por algum motivo, não conseguimos enquadrar alguém (ou a nós próprios) numa identidade a partir da aparência de seu corpo. Afinal, o sujeito é masculino ou feminino? É branco ou negro? O corpo deveria fornecer as garantias para tais identificações. Pretendemos reconhecer a identidade - aquilo que o sujeito é - e, ao mesmo tempo, estabelecer o que ele não é - a diferença. Desejamos afirmar, com segurança, que o sujeito é isso, e, conseqüentemente, ele não é aquilo. (LOURO, 2000, p.61)

As marcas são nada mais do que nosso cartão de visita ao outro, para que ele nos enxergue e nos poupe de suas críticas e julgamentos antecipatórios. A construção da identidade nos proporciona a criação de várias esferas que são utilizadas ao longo da vida, fazendo com que dentro de uma só identidade existam várias personalidades, visto que as diferentes situações necessitam de diferentes posicionamentos. Com isso somos mais do que marcas, somos identidades em processo de construção permanente.

Em diversos momentos difíceis da minha infância bastava dar um cheiro na jaqueta, que eu já pensava agora vai ficar tudo bem, uma vez que, lembrava da dona e me sentia mais seguro. A jaqueta representava os meus cabelos, bastava eu colocar os acessórios que escrevi acima que me transformava e brincava sem maldade, sem pensar no olhar do adulto. Certo dia minha mãe conversou comigo, coisa que até então eu não tinha vivenciado. Ela me pediu para eu não brincar daquele jeito na frente dos outros e não poderia deixar o meu pai saber que brincava daquela forma. Lembro-me também que minha mãe esticou a conversa perguntando quais eram as minhas brincadeiras favoritas e brinquedos. Também perguntou que tipo de roupa eu gostava de usar eu me lembro que disse que gostava de usar as roupas que eu tinha, que eram calças, camisetas, chinelos e tênis. Saliento que vi um pouco de alívio na expressão facial da minha mãe. Não existem normas estabelecidas dentro de cada

indivíduo, o que existem são convenções sociais que estabelecem reações ao se deparar com cada nova situação, com isso o alívio de minha mãe ao saber que eu não gostava de roupas femininas. Mas aqui cabe a reflexão de que existe uma grande diferença entre gostar e vestir-se, entre ter trejeitos e ter gostos femininos, uma vez que os trejeitos podem ser confundidos com personalidade, mas as roupas usadas certamente serão alvos de preconceito, talvez a preocupação de minha mãe não estivesse ligada ao preconceito com o próprio filho mas com o medo do preconceito que vem da rua. A identidade que cada um desempenha aos olhos dos outros uma construção cultural baseada nos conceitos de cada cidade, assim como defende Guacira Louro:

Esquecemos que a identidade é uma atribuição cultural; que ela sempre é dita e nomeada no contexto de uma cultura. Esquecemos que os corpos são significados, representados e interpretados culturalmente, que diferentes sociedades e grupos atribuem significados também diferentes às características físicas: que determinados traços ou características podem ter importância, serem considerados notáveis e, então, se constituírem em "marcas" definidoras, ou, ao contrário, permanecerem banais, irrelevantes. (LOURO, 2000, p.63)

A identidade é uma construção permanente, baseada nas experiências que cada indivíduo perpassa durante a vida. As vivências são capazes de moldar os indivíduos para os mais diferentes contextos e situações sociais, fazendo com que a identidade se estabeleça nas menores coisas, uma vez que não importa o tamanho do acontecido, basta fazer sentido para sentir. Com isso, fica claro que a identidade nada mais é do que um quebra cabeça que se monta e (re)monta todos os dias com novas peças e novos aprendizados, pois esse quebra cabeça se faz necessário para que sejamos capazes de ser inteiros. Todos somos seres singulares, mas ao juntarmos nossas peças nos tornamos o que chamamos de sociedade.

Penso que é de suma importância dizer que a relação que eu possuía neste período com meu pai e com minha mãe era ótima, pois os mesmos me amavam, posso dizer que este amor é incondicional e recíproco. Destaco que, onde meu pai estava eu estava também, quando ele ia para as canchas de bocha eu sempre estava junto, sempre gostei de acompanhar ele nos jogos de futebol. Meu pai sempre trabalhou como taxista e pedreiro e eu sempre dizia quando era pequeno que queria ser taxista e pedreiro igual ao meu pai, pois ele era minha referência nesta época. A relação com minha mãe também era ótima sempre adorei estar com ela. Ela nunca deixou faltar amor em minha vida, sou agradecido pelos seus conselhos, minha mãe sempre me atribuiu afeto, carinho e acima de tudo compreensão e aceitação. Vale

salientar que a relação com meu pai era também baseada no amor e no afeto, no entanto com mais rispidez, ancorada nos preconceitos da sociedade patriarcal. Daí, tê-lo como referência masculina era difícil. Apesar disso, o amor materno e paterno se entrelaçaram para que eu pudesse formar minha própria identidade baseada nos meus princípios. Penso que as referências (pessoas) que tomamos na nossa infância contribuem para a construção das identidades. Fernanda Salla explica que

Quando uma mãe abre os braços para receber um bebê que dá seus primeiros passos, expressa com gestos a intenção de acolhê-lo e ele reage caminhando em sua direção. Com esse movimento, a criança amplia seu conhecimento e é estimulada a aprender a andar. Assim como ela, toda pessoa é afetada tanto por elementos externos - o olhar do outro, um objeto que chama a atenção, uma informação que recebe do meio - quanto por sensações internas - medo, alegria, fome - e responde a eles. Essa condição humana recebe o nome de afetividade e é crucial para o desenvolvimento. (SALLA in WALLON, 2011, p.22)

O preparo para a chegada de um novo ser emerge da necessidade e da inquietude da continuação da vida em suas mais diversas esferas. A mãe que recebe o filho recebe também toda a sua inteireza, contribuindo para que neste tempo seus ensinamentos sejam eixos motivadores para a construção do pensamento crítico, moral, éticidade e ideologias deste ser. Vale lembrar que os ensinamentos que a criança recebe em casa são eixos bases, ou seja, são pontos de início de aprendizagem, os conhecimentos e desafios enfrentados diante da sociedade também serão eixos problematizadores e incentivadores de novas aprendizagens e novas vivências na construção das ideologias deste indivíduo. Ao falar em mãe nos remetemos ao sentido de amorosidade, afeto, cuidado e aceitação, mas o sentido vai muito além disso, pois o processo de preparo do lar e das tarefas para o recebimento deste novo ser se iniciam desde o planejamento do mesmo.

Com isso, a relação entre mãe e filho ultrapassa as barreiras sociais que muitas vezes mascaram essa relação, daí a necessidade de um diálogo crítico, mas também reflexivo e amoroso acerca da relação de construção permanente que permeia por entre os laços de mãe e filho. Desde o início da gestação a mãe e toda base familiar inicia um processo de construção da identidade de gênero desta criança, ou seja, quando a mãe descobre o sexo do bebê, inicia-se um processo desenfreado de compra de roupas rosas para menina ou azuis para os meninos, ou quando não se sabe ainda o sexo se compra roupas neutras, mas o que seria o neutro na identidade desta criança? O que mudaria na identidade a cor da vestimenta? Essas convenções sociais estão enraizadas no íntimo de cada indivíduo que, mesmo de forma

inconsciente, muitas vezes acabam violando a liberdade de expressão de seus filhos em prol de uma construção social que não faz sentido.

3. A CONSTITUIÇÃO FAMILIAR ENQUANTO BASE PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE QUEM SOU HOJE.

Sou o primeiro filho desse casal, depois de mim eles tiveram mais quatro filhos: duas meninas e dois meninos. Meu pai se chama Volmir, minha mãe se chama Neusa, minhas irmãs se chamam Camila e Gabrieli, meus irmãos se chamam Junior e Victor.

A construção da minha família é minha base enquanto motivadores de minha construção social, moral e pessoal. O ser que me tornei atualmente tem base nos ensinamentos que recebi em casa desde muito cedo, com isso me torno consciente de que muitos destes ensinamentos fizeram com que eu quisesse mudar tal posicionamento, mas não os julgo ou reprimo, pois sem isso eu não teria tido a coragem de ser diferente e de pensar diferente. É preciso que haja discordância para que exista coragem de sair do casulo.

Minha mãe nasceu em Nova Palma – RS, interior do estado e, conseqüentemente, menos privilegiada de informações e inovações. Estudou até o 4º ano do Ensino Fundamental, no entanto isso não foi impedimento para que ela pudesse crescer diante do mundo, ou seja, mesmo com pouco conhecimento acadêmico nunca desistiu de lutar pelos ideais que acreditava serem certos, daí a necessidade de compreender que os ensinamentos podem ser aprendidos ao longo da vida com base nas mais variadas experiências, ou seja, antes de ler a palavra é necessário ler e experienciar o mundo. Atualmente minha mãe exerce a profissão de empregada doméstica e dona de casa, além de ser mãe, esposa e o que mais ela quiser, visto que a existência é um mundo vasto de possibilidades.

Meu pai nasceu em Boqueirão, interior de São Pedro do Sul – RS, cidade também do interior e afastada de tudo, também menos privilegiada em relação aos meios de informação e tecnologia. Estudou até o 5º ano, mas também aprendeu com a vida, uma vez que, diante das dificuldades, as experiências se tornam eixos incentivadores e dão coragem para não desistir. Atualmente exerce a função de taxista e pedreiro, também sendo pai e esposo.

3.1. Época da Educação Infantil/Anos Iniciais

A Educação Infantil tem um papel importantíssimo no desenvolvimento integral dos educandos/as (afetivo, físico, social, psicológico e cognitivo), pois é o primeiro contato da criança com a escola. Ali as crianças também vão desenvolver suas relações sociais através das brincadeiras, dos diálogos, das expressões faciais, dos gestos, das canções, dos Jogos. Ao falar no meu percurso pela Educação Infantil é preciso que fale também dos educadores/as, uma vez que não pode existir aluno sem professor/a e vice-versa. Com isso, entrelaço minha história com a história dos professores/as, pois junto construímos minha base educacional.

Através da leitura do mundo é que se inicia o processo de aprendizagem, pois não se pode falar daquilo que não se conhece, não se pode trabalhar com o abstrato com crianças que estão em processo de alfabetização e em processo permanente de descoberta do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, ou seja, muito antes de ler o alfabeto as crianças leem as pessoas, leem os objetos, os animais, os professores/as, leem o mundo a sua volta e criam suas próprias visões. Com base nisso, as crianças também leem a feiura do mundo, ou seja, leem as expressões no rosto das pessoas de acordo com as atitudes alheias, o preconceito mascarado, o ódio, o medo e com isso criam suas perspectivas de vida e desenvolvem conceitos de realidade.

Desde muito cedo aprendi a ler o mundo e, lendo o mundo, aprendi a ler as pessoas. Muitas vezes percebi o preconceito no olhar dos outros em relação a mim, as minhas brincadeiras, trejeitos, modo de falar e tantas outras coisas que são oriundas da infância. Vivenciei o preconceito nas suas mais variadas faces, mas, diante disso, optei por lutar contra ele ao invés de aceitar a opressão. Aceitar a opressão é o mesmo que apoiar o preconceito, e apoiando seria o mesmo que incentivar e repetir com os outros aquilo que me machucou, com isso reitero a fala de que as experiências negativas funcionam como alavanca para a mudança do mundo. Com os aprendizados que a leitura do mundo me ensinou, pude compreender que o respeito em relação à leitura de cada um faz parte de um processo histórico, tendo em vista os limites de cada ser, como pontua Paulo Freire:

Respeitar a leitura de mundo, do educando não é também um jogo tático com que o educador ou educadora procura tornar-se simpático ao educando. É a maneira correta que tem o educador de com o educando e não sobre ele, tentar a superação de uma maneira mais ingênua por outra mais crítica de entender o mundo. Respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento. É preciso que ao respeitar a leitura do mundo do educando para ir mais além dela, o educador deixe claro que a curiosidade fundamental à inteligibilidade do mundo é histórica e se dá na história, se aperfeiçoa, muda qualitativamente, se faz metodicamente rigorosa. E a curiosidade assim metodicamente rigorizada faz achados cada vez mais exatos. No fundo, o educador que respeita a leitura de mundo do educando, reconhece a historicidade do saber, o caráter histórico da curiosidade, desta forma, recusando a arrogância cientificista, assume a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica. (FREIRE, 1996, 139)

Sempre fui uma criança muito presa à família, pois era uma criança insegura, não gostava de ficar longe dos pais, tinha medo que eles me deixassem lá e não me buscassem mais. Saliento que minha adaptação na Educação Infantil foi terrível, pois

eu não queria ir para escola, chorei muito para ficar em casa com meu pai e com minha mãe, mas, por necessidade, uma vez que os dois precisavam trabalhar, eu era obrigado a ficar na escola. Confesso que sempre tentei fugir da escola e algumas vezes tive sucesso, em outras não. O período da Educação Infantil se iniciou no ano de 1998, aos 5 anos de idade.

Lembro-me que a minha turma era uma turma enorme, tinha mais meninos do que meninas. A sala era super organizada, tinha caixas com brinquedos somente de meninas e caixas com brinquedos somente de meninos, tinha lugar para os meninos colocarem suas mochilas e, no outro lado da parede, tinha outro espaço para as meninas colocarem suas mochilas. A entrada na sala de aula era através de duas filas, uma para meninas e outra para meninos. A sala tinha 4 mesas redondas grandes, duas mesas eram para as meninas, e onde só poderiam sentar as meninas, e as outras duas eram dos meninos e, claro, só poderiam sentar os meninos. Essa delimitação de lugares emergia de um preconceito mascarado de tradicionalidade. Sobre isso, Guacira Louro questiona:

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o "lugar" dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos "fazem sentido", instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos. (LOURO, 1997, p.58)

Outra lembrança que tenho é que nos primeiros dias de aula a professora confeccionou crachás. Eram dois tipos de crachás: um para os meninos, do Super-Homem, e outro era para as meninas, da Mulher Maravilha. Confesso que, nos meus pensamentos, ficava imaginando que meu crachá era da Mulher Maravilha. No momento que vi o crachá, eu disse: "professora, eu quero um crachá da Mulher Maravilha". Automaticamente ela me respondeu: "Valmer, os meninos usam o crachá do Super-Homem e as meninas usam o crachá da Mulher-Maravilha. Olha para os meninos, todos estão usando o crachá do Super-Homem. Agora olha para as meninas, todas estão usando o crachá da Mulher Maravilha". De acordo com Fernandez (1994) existem maneiras explícitas e maneiras dissimuladas de exercer aquelas que são impostas, trazem uma carga negativa e provocam resistência.

Outra lembrança que tenho da Educação Infantil é que minha professora nos dava adesivos. Um certo dia ela perguntou-me: "Valmer, qual adesivo você quer hoje?", eu sempre pegava os adesivos do He-Men, dos Power Rangers, dos

Cavaleiros do Zodíaco, dos Thundercats, entre outros, mas neste dia tinha só duas cartelas uma era do Capitão Caverna e a outra da Barbie. Pedi o da Barbie e a professora de um grito dizendo: "Valmer, o adesivo da Barbie é para as meninas". Fico até hoje me perguntando por que ela perguntou qual que eu queria, pois ela não iria deixar eu pegar os da Barbie. Vinha diz que:

[...] os professores deverão argumentar, propor ideais que permitam a reflexão sobre as regras criadas para que alunos percebam que existem maneiras mais construtivas de solucionar conflitos. A educação moral passa a ser compreendida como a construção dialógica da personalidade, tarefa que realiza-se ao mesmo tempo por empenho pessoal, por meio do reconhecimento da própria maneira de pensar, dos próprios anseios, desejos e valores como também na interação com o mundo, mediante a ajuda de outras pessoas, mediante reflexão e ação com os mais variados contextos culturais com que alguém se depara. (VINHA, 1979, p.70)

Os professores/as enquanto motivadores de novos aprendizados têm o dever de proporcionar situações adequadas e alternativas para a construção do conhecimento, uma vez que é necessário partir dos conhecimentos prévios do aluno para dar continuidade ao que já se sabe. É importante que o professor/a estabeleça um vínculo com a criança/adolescente para que juntos busquem o conhecimento e juntos superem os obstáculos, pois é ensinando que se aprende e é aprendendo que se ensina. A prática educativa nada mais é do que um compartilhamento permanente de conhecimento, onde ambas as partes ao compartilhar conhecimento adquirem muito mais do que ensinaram.

Esta memória que irei escrever é uma das mais marcantes para mim. A professora fez uma contação de história, não vou me lembrar o nome da história, mas a mesma tratava do que eu gostaria de ser quando fosse adulto. Após a contação ela pediu para fazermos um desenho, eu desenhei uma passista de escola de samba, quando a professora viu meu desenho e perguntou para mim o que era e eu respondi, ela surtou e pegou minha folha amassou e colocou no lixo. Ainda, disse: "tu é menino, não pode ser uma mulher quando crescer". Eu não queria ser uma mulher quando fosse me tornar um adulto, eu só queria sambar e ter o carisma de uma passista, mas a professora não deixou eu explicar. Logo após ter colocado minha folha no lixo, comecei a chorar, então ela me disse para parar, pois menino não chora, dizendo ainda: "se você não parar de chorar, irei contar para o teu pai que tu quer ser uma mulher". Neste momento eu parei de chorar e fiquei sem reação. Por muitos dias eu não queria voltar a escola, pois desde aquele dia que ela falou gritando aquelas coisas para mim, os meus colegas começaram a fazer bullying comigo. Lembro-me que esta

professora era de alguma religião do tipo evangélica ou católica e pelo jeito era terrivelmente cristã.

No âmbito escolar pode-se perceber as dificuldades que os educadores têm em falar sobre gênero, muitos nem conhecem o conceito da palavra. Partindo para um olhar reflexivo a respeito de minha passagem pela Educação Infantil pude perceber a falta de conhecimento e/ou preparo dos educadores com a questão de trabalhar o gênero e a sexualidade em sala de aula. A dificuldade se estende desde o trabalhar até o aceitar os alunos, pois de acordo com os relatos que venho descrevendo até aqui é fácil perceber que os professores/as tinham a concepção de menino e menina nas suas inteirezas, como se todos fossem iguais com as mesmas necessidades e vontades. O entendimento do que é gênero precisa ser estabelecido a partir do momento em que o ser humano se auto entende enquanto um ser com poder transformador, conforme explica Guacira Louro:

Uma compreensão mais ampla de gênero exige que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico (portanto não dado e acabado no momento do nascimento, mas sim construído através de práticas sociais masculinizantes e feminizantes, em consonância com as diversas concepções de cada sociedade); como também nos leva a pensar que gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são "generificadas", ou seja, expressam as relações sociais de gênero). Em todas essas afirmações está presente, sem dúvida, a ideia de formação, socialização ou educação dos sujeitos. (LOURO, 1995, p.103)

A compreensão de gênero exige a aceitação que emerge de um processo histórico de modificações e adaptações que contribuem para a formação do indivíduo. O gênero se constrói ao longo da vida durante todos os dias, de acordo com as relações que são estabelecidas, com as práticas pelas quais o indivíduo se compromete a realizar, com as experiências, vivências, sonhos, medos e demais aprendizados. É preciso compreender que o gênero vai muito além do sexo com o qual se nasce, o gênero é uma particularidade construída ao longo da vida.

Segundo Stuart Hall (2002), nossa identidade enquanto ser humano é construída através do nosso meio social, desta forma acredita-se que a construção dos papéis masculino e feminino são aprendidos, pois ninguém nasce sabendo como se comportar perante à sociedade machista. Este aprendizado começa muito antes da criança nascer, a partir das compras dos pais para o bebê que irá chegar. Desta

forma a identidade enquanto masculino ou feminino é construída a partir das relações sociais que a criança vai tendo contato.

Na perspectiva que a criança constrói sua identidade, por meio de suas relações sociais, a família e a escola acabam ganhando um papel fundamental neste processo, uma vez que a criança vai tê-los como referência nesta construção.

Como afirma Helena Sampaio (2000), neste período escolar fica visível a construção dos papéis que o educando vem construindo, a partir das interações sociais que são as brincadeiras, jogos, diálogos, etc. Acredita-se que o educando vai desenvolvendo conhecimento a partir do conceito de gênero que a sociedade construiu historicamente, uma vez que, começa a atribuir o certo e o errado para cada papel masculino e feminino, como menino não pode ter como cor preferida a cor rosa e a menina não pode ter como brinquedo preferido carrinhos, por exemplo.

Segundo Esterman Meyer (2000), pode-se perceber que a sociedade machista institui como devem ser educados os meninos e as meninas, doutrinando o que é ser homem e mulher. Observa-se que os educadores/as sem perceber ou percebendo utilizam desta educação machista, reforçando o que é de homem ou de mulher, dizendo para os meninos jogarem bola e meninas pularem corda, os meninos são fortes e as meninas frágeis, os cadernos dos meninos são uma bagunça e o das meninas são uma delicadeza, a partir da análise destes exemplos percebe-se que, de um modo geral, a sociedade está desatualizada e formando cidadãos machistas e preconceituosos.

Ao olhar para a história do termo gênero, observou-se que o mesmo, surgiu do movimento feminista anglo-saxão. De acordo com Bianca Salazar Guizzo (2003) só foi utilizado no Brasil no final da década de 80.

O conceito de gênero é amplo, mas no sentido abordado, a palavra possibilita aos sujeitos de uma cultura se identificarem como homens e mulheres em uma determinada época, lugar e lembrando a necessidade de levar em conta os valores sociais que estão presentes nestes espaços/tempo.

Nesta perspectiva, compreende-se que gênero não sendo o biológico dos sujeitos, mas sim como eles se enxergam, pois “[...] a organização social da diferença sexual [...] não reflete a realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido dessa realidade” (SCOTT, apud, GROSSI et. al. 1998, p. 115). Ressalta-se novamente que ninguém nasce mulher ou homem, mas aprendem como ser homem ou mulher,

considerando o contexto ou o meio no qual estão inseridos, desta forma vão constituindo suas identidades de gênero feminina e masculina.

Marlene Strey (1998) contribui nos dizendo que as concepções de gênero são construídas, a partir da cultura de cada sociedade. Segundo a autora, cada sociedade constrói um modelo do que é ser homem ou mulher. Com base nesses pensamentos chega-se à conclusão que é impossível os educadores não terem conhecimentos sobre concepções de gêneros, uma vez que esta temática está presente em todos os âmbitos escolares.

É por meio do significado da palavra gênero que os seres humanos começam a definir e entender suas funções na sociedade.

Joan Scott explica que

O núcleo essencial da definição baseia-se na conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder (SCOTT, 1989, p. 21).

O gênero é uma construção social baseada no sexo dos indivíduos, ou seja, homem ou mulher. No entanto, esse gênero se estabelece e se transforma na medida em que o homem ou a mulher não se aceitam ou não se compreendem no gênero preestabelecido, daí o processo de transformação e busca por complementos para a formação do gênero com o qual se identificam.

Para Joan Scott o significado de gênero transcorre por duas partes que estão correlacionadas:

Minha definição de gênero tem duas partes e várias sub-partes. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser analiticamente distintas. O núcleo essencial da definição baseia-se na conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder (SCOTT, 1989, p.21).

Podemos perceber, que as duas partes que se encontra a palavra gênero na citação acima dizem muito da sociedade em que vivemos: a primeira deixa claro que o gênero é um elemento importante para exercermos os papéis de homens e mulheres na sociedade e a segunda demonstra as relações de poder que estão presentes em nossa sociedade e as desigualdades biológicas encontradas em nossa sociedade.

Nesta perspectiva Scott afirma que

O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres (SCOTT, 1989, p. 7).

Desta forma, necessitamos ter um olhar e escuta sensível de como dialogamos sobre este conceito com nossos educandos, uma vez que, as construções de papéis de homens e mulheres estão sendo construídos historicamente de uma forma preconceituosa e discriminatória. A forma preconceituosa com a qual me refiro emerge dos relatos dos quais estão estampados diariamente nos noticiários e principalmente com base na minha vivência enquanto aluno. A escola possui um papel fundamental no que diz respeito a construção de opiniões, uma vez que esse é o espaço de aprendizagem, da democracia e do respeito.

Destaco, a partir da temática trazida pelos estudos feministas, que a educação possui um importante papel na vida de jovens e crianças, pois muitas vezes é através dela que os indivíduos começam a construir sua identidade e compreender a diversidade ao seu redor. O ambiente escolar é um dos principais lugares de mediações que permitem a construção da identidade social.

Nessa linha, Heleieth Saffioti destaca que “rigorosamente, os seres humanos nascem machos ou fêmeas. E através da educação que recebem que se tornam homens e mulheres. A identidade social é, portanto, socialmente construída.” (1987, p. 10).

A identidade social é construída ao longo da vida do ser humano, como uma espécie de quebra cabeças, a cada experiência ou aprendizagem são formadas novas peças que, ao serem encaixadas, formam a identidade. Com isso, ao longo da vida o número de peças aumenta e se transforma, uma vez que a cada novo aprendizado as certezas se refazem e com isso as ideias se (auto)transformam.

3.2 Um coração esperançoso pode ser a sua magia: você é capaz de transformar o mundo, basta acreditar

Agora, falarei um pouco da minha escolarização no ensino fundamental dos anos iniciais, dos anos finais e algumas lembranças do ensino médio, saliento que ao contrário da educação infantil eu queria ir para escola de ensino fundamental, uma vez que eu assistia à animação/série Barney. Nessa animação, a escola era demonstrada de uma forma maravilhosa, onde as crianças brincavam todas juntas independente de gênero ou cor. Com base nisso, eu queria ir para a escola para poder vivenciar tudo aquilo que eu estava vendo na TV. A leitura de mundo precede a leitura

da palavra no mesmo sentido em que a leitura da palavra depende da leitura de mundo, sendo estes eixos que se completam, conforme relata Paulo Freire:

Refiro-me que a leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica na continuidade da leitura daquele. Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui no mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de escrevê-lo ou reescrevê-la, quer dizer, transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 2009, p.30)

Quando cheguei à escola, imaginava que aquele lugar era maravilhoso e cheio de alegria, fantasia, amor, respeito e felicidade, mas esta imagem da escola dos meus sonhos foi se quebrando aos poucos, uma vez que eu tinha dificuldades de aprendizagem, especificamente no processo de leitura e escrita. Juntamente com essa dificuldade veio o bullying, devido a minha maneira de ser. Parecia que eu fugia do padrão de menino que a sociedade historicamente construiu. Eu era simplesmente o Valmer, um menino que adorava a vida. A maneira com a qual eu era visto e do modo como eu era tratado em relação a escola me fazia entender que a escola havia se transformado em um espaço tradicional que não permitia cores, assim como relata Paulo Freire:

Minha impressão é que a escola está aumentando a distância entre as palavras que lemos e o mundo em que vivemos. Você pode pensar nesta dicotomia como uma espécie de “cultura do silêncio” imposta aos estudantes. A leitura da escola mantém silêncio a respeito do mundo da experiência e o mundo da experiência é silenciado sem seus textos críticos próprios. (FREIRE, 1986, p.85)

Lembro-me de algumas frases que a minha educadora da primeira série costumava me dizer. A primeira frase era assim: "nem dando com um gato morto na cabeça aprende a ler". A segunda frase ela falava gritando: "burro, é só ajustar as letras e ler! Parece cego". Saliento que reprovei sem saber ler. Uma coisa que eu acho interessante na minha escolarização é que eu era uma criança com dificuldades de aprendizagem, mas era o último da fila, pois os meninos sentavam nos últimos lugares e as meninas nós primeiros lugares das filas e, com isso, minha dificuldade só aumentava.

Destaco também que sofri muito bullying pelos meus colegas, principalmente na sala de aula, em frente a professora e ela não fazia nada. O bullying sempre se originou pelos meus trejeitos femininos como a própria professora dizia. Eu não sabia ler, tinha muita dificuldade, mas eu copiava tudo que estava no quadro e tentava copiar

de uma forma organizada. Um dia a professora pegou meu caderno e disse: “Valmer, tu pareces até menina pela organização do teu caderno. Pensando bem, até não sei se tu não és meio-meio”. Pergunto-me o que é esse “meio-meio” até hoje. A fala da professora em sala de aula foi uma alavanca para diversos apelidos que os meus colegas me atribuíam. Com isso, minha vontade de ir à escola diminuía, uma vez que de acordo com Thomaz T. da Silva:

Quando as agressões ocorrem nas salas de aula, muitas das vezes, a professora parece fingir que não vê, sentada em sua mesa, corrigindo deveres, passando tarefa no quadro de giz ou até mesmo lendo revistas. Só depois do ocorrido, quando os alunos reclamam e avisam à professora, é que algo é feito como um pito: levar para a sala do diretor, deixar de costas para a turmas, ficar sem recreio e até pedir a presença dos pais. (Sueli Barbosa Thomaz Apud in Violência na escola: ética, poder e cidadania, Thomaz, p.6-7)

Quando voltei para escola para repetir o primeiro ano foi pior, pois a escola tinha o sistema de colocar os repetentes todos juntos em uma sala juntamente com os alunos mais incomodativos e outra turma com os alunos que estavam chegando na escola. As turmas eram conhecidas como a turma dos bons e a turma dos ruins e, obviamente, eu fiquei na turma dos ruins. Este ano foi um dos piores anos da minha escolarização, uma vez que, o bullying não ficou somente nas palavras e começou a aparecer na forma de agressões físicas. Eu tinha um colega que não podia me ver que além de me chamar de veadinho, boiola e de menininha, me agredia com chutes e socos Quando eu ia reclamar para a professora ela dizia: "Valmer, você tem que tomar jeito de homem, só assim os teus colegas vão parar". Chegou em um ponto que eu parei de reclamar, pois parecia que eu era o errado e não eles e ela não tomava nenhuma atitude com eles. Destaco que aprovei sem saber ler. Miriam Abramovay afirma que

[...] além das consequências diretas, as violências tem desdobramentos que afetam negativamente a qualidade do ensino e a aprendizagem. As violências no ambiente escolar fazem com que os alunos não consigam se concentrar nos estudos. [...] fiquem nervosos e revoltados com as situações que enfrentam e percam a vontade de ir à escola. (ABRAMOVAY, 2002, p.81).

O ano seguinte não foi diferente, pois não aprendi a ler, tanto que reprovei novamente. Lembro-me da professora me deixando sem recreio pois eu não conseguia realizar as atividades do caderno, uma vez que, não sabia ler. A mesma dizia: "Isso é inadmissível, um baita de um guri não saber ler". Outro episódio que me lembro é que esta mesma professora me segurou para uma colega me bater, irei descrever um pouquinho dessa história: estávamos todos realizando algumas

atividades de matemática quando eu pedi permissão para apontar o lápis, me levantei e me direcionei a lixeira e no meio do caminho uma das minhas colegas me chamou de veado, neste momento vários dos meus colegas começaram a dar risada, então eu peguei e a agredi com um chute, a professora viu e se levantou e me segurou e perguntou para minha colega de que forma ela gostaria de me bater com um chute ou com um soco e ela optou por me dar um soco então neste momento eu empurrei a professora e sai correndo da sala até a direção da escola onde relatei tudo que havia acontecido e nada foi feito. Nessa linha de pensamento, Cipriano Carlos Luckesi questiona

[...] tem a função de exame, pois valoriza os aspectos cognitivos com ênfase na memorização; a verificação dos resultados se dá através de provas orais ou escritas, nos quais, os alunos devem reproduzir exatamente aquilo que lhe foi ensinado. A tradição dos exames escolares que conhecemos hoje em nossas escolas, foi sistematizada nos séculos XVI e XVII, com as configurações da atividade pedagógica produzida pelos padres Jesuítas (séc. XVI) e pelo Bispo John Amós Comênio (fim do séc. XVI) e primeira metade do séc XVII. (LUCKESI, 2003, p.16)

Novamente quando voltei para repetir a segunda série, nada foi diferente, as agressões e o bullying continuavam, mas parecia que eu já estava acostumado com todas aquelas situações. Eu já não reclamava mais para professora e nem para direção da escola, pois nunca acontecia nada, sempre parecia que eu era o errado e a professora frente a tudo que acontecia comigo em sala de aula e no recreio fingia que não via. O que mais me marcou neste ano foi que teve um campeonato na escola e era dividido da seguinte forma: uma intersérie de futebol para os meninos e um torneio de pular corda para as meninas. Saliento que eu amava pular corda, então fiquei realizado porque queria pular corda e a minha professora me disse que eu não podia pois eu era menino e era para mim achar um time de futebol para jogar. Não me satisfiz com aquela resposta, então peguei e fui na direção da escola e implorei para a direção deixar eu pular corda, mas resposta da direção foi: "Valmer, você é menino e tem que jogar futebol, pois o torneio de pular corda é só para as meninas". Acredito que aquele dia não era um dia qualquer pois estava lá a professora Taís, que era professora do quarto ano, e ela disse: "Diretora, se ele quer pular corda, deixe que pule corda". Com isso, me autorizaram a pular corda.

No ano seguinte reprovei. Novamente foi um ano muito complicado. Neste ano comecei a revidar as agressões que os meus colegas faziam. Destaco que o número de agressões diminuiu muito desde o dia que um colega me chamou de veadinho e me bateu. Na hora não me veio outra coisa na cabeça, eu não aguentava mais estar

por anos sofrendo aquilo, peguei e revidei: bati nele. Graças a Deus consegui bater nele, desde aquele dia diminuiu muito e comecei a agir assim, os colegas me falavam as coisas e me batiam e eu revidava, pois foi a forma que eu achei de me defender.

Phillippe Perrenoud (1993, p.73) define a avaliação como o processo que:

[...] ajuda o aluno aprender e o professor a ensinar. A idéia base é bastante simples: a aprendizagem nunca é linear, procedem por ensaios, por tentativas e erros, hipóteses, recuos e avanços; um individuo aprendera melhor se o seu meio envolvente for capaz de lhe dar respostas e regulações sob diversas formas. [...]

Quando retornei das férias, cheguei à escola e entrei na sala da terceira série novamente. A educadora que havia me reprovado não estava mais lá, mas sim a melhor educadora que eu já tive. Ela soube como me ensinar e hoje digo que seu método de alfabetização era, de certa forma, Freireano. Falo isso por causa dos meus estudos no Curso Normal e na faculdade de pedagogia. Ela me ensinou a partir das minhas vivências do cotidiano, soube ver e reconhecer em minhas dificuldades, deu-me um pouco de seu afeto que bastou para eu dormir sem saber ler e acordar sabendo. A primeira palavra que eu li foi sorveteria. Neste dia estava no centro com minha família, quando cheguei na segunda-feira na aula eu disse professora Taís: "Eu sei ler". Então ela gritou: "Não Acredito! Está falando sério, meu amor? Tu sabes ler mesmo? Quero só ver! Vou escrever algumas palavras aqui no quadro para você ler então". Quando comecei a ler, pude perceber no seu rosto a felicidade, foi um dia muito emocionante. Uma das frases que ela me dizia sempre era: "Valmer, você vai fazer a diferença no mundo" e eu me sentia super importante. De acordo com Paulo Freire:

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria. Na verdade, do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo que a ela se justaponha. A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se inacabado e consciente do inacabamento, primeiro o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança. (FREIRE, 1996, p. 80)

A professora Taís era a mesma que estava na direção e convenceu até a diretora deixar eu pular corda, aquelas piadinhas e agressões devido a minha orientação sexual deixaram de acontecer, pois com ela era assim: "escreveu, não leu? O pau comeu". Ela começou a chamar os pais dos meus colegas para conversar, lembro-me que chamou até minha família para explicar o que estava acontecendo.

A professora Taís me ensinou que criança tem que ser criança, viajar na sua própria imaginação, descobrir o mundo através de suas experiências e vivências a partir de coisas concretas e abstratas, uma coisa que essa educadora fala que é uma de suas pérolas é: “Temos que brincar sem ficar cuidando a vidinha dos outros colegas, pois precisamos ser felizes”. Ela sempre me dizia: “Valmer, você tem que ser você, pois você é muito especial”.

Acredito que até hoje a maioria das escolas seguem uma abordagem tradicional onde o educador poda todos os sonhos dos educandos, não dando espaço para o educando libertar a fantasia que vem consigo inata. Através desta perspectiva, acredito que essa minha heroína me deu espaço para sonhar e ser quem eu sou. Deste modo posso falar que grande parte dos meus educadores esqueceram o que é ensinar. Na minha opinião, ensinar se resume em trocas de saberes e vivências, pois quem ensina aprende e quem aprende ensina.

Ressalto dizendo que é muito importante o educador e a educadora estabelecer uma relação de confiança com seus educandos, pois foi através dessa confiança que me entreguei de corpo e alma a essa professora maravilhosa. Percebo que é de suma importância o educador/a realizar uma ponte entre o cotidiano e a escola. Estas mediações proporcionam uma troca de saberes que traz como benefício uma transformação dos sujeitos que participam dessa troca, uma vez que constrói e desconstrói saberes a partir de brincadeiras, diálogos, trabalhos em grupo, atividades corporais, gestos e expressões faciais.

O educador/a como mediador não pode esquecer que contribui com a formação de sujeitos críticos e curiosos. Uma das tarefas de quem ensina é fazer a mediação do objeto cognoscível aos sujeitos conhecedores para despertar a criticidade e a curiosidade de seus educandos e educandas.

A discriminação com os saberes do aluno e com sua identidade de gênero implica no retrocesso deste educando/a, fazendo com que esta criança perca a vontade de superar seus limites. É preciso buscar estabelecer o respeito entre os colegas para que nenhuma forma de preconceito seja exposta, uma vez que tudo aquilo que sentimos nos afeta e nos ocasiona consequências permanentes. Por isso, é importante buscar métodos avaliativos que contemplem todo o processo pelo qual o aluno/a passou durante todo o ano letivo. É preciso construir pontes entre o aluno e o conhecimento para que os obstáculos sejam vencidos. A avaliação da aprendizagem dessas mediações ou estudos pode ser feitos de muitas formas. Não

necessariamente através de provas, pois acredito na avaliação emancipatória que era a mesma que a minha professora Taís fazia, que tem como objetivo a construção do educando. Posso citar um exemplo: uma criança que não sabe ler e nem reconhece as letras no começo do ano letivo. Ao findar-se o ano, ela não consegue ler, mas consegue reconhecer as letras do alfabeto. Este sujeito teve uma construção dentro dos seus limites. A partir destas construções, minha avaliação é positiva. Essa criança pode ser eu no período escolar, pois eu tinha minhas limitações, mas fui capaz de me transformar enquanto sujeito em um ambiente terrivelmente desagradável e fui capaz de ir construindo novos saberes pouco a pouco.

4. DIALOGANDO COM O FINAL DO ENSINO FUNDAMENTAL E RELEMBRANDO O PROCESSO DE BASE EDUCACIONAL

Ao analisar o âmbito escolar, percebe-se que a escola tem uma função fundamental na construção dos indivíduos da nossa sociedade a partir das relações sociais. Nessa perspectiva, pretende-se, aprofundar o entendimento de como as concepções de gênero interferem nas relações interpessoais no âmbito escolar. A partir disso, farei uma análise a respeito de como foi o meu período dos anos finais do ensino fundamental. Nessa época, as coisas já se declaravam explícitas com relação ao preconceito, a discriminação e o desrespeito pelo simples fato da minha orientação sexual. Como já dito nos parágrafos anteriores, sempre gostei de jogar futebol mas não podia jogar pois os guris não queriam mais ser vistos comigo, brincando comigo

ou até mesmo se divertindo comigo, pois ficavam com vergonha do julgamento alheio, achando que se eles estivessem comigo conseqüentemente seriam chamados de veado também, então meu círculo de amizades era completamente feminino.

A discriminação começava da seguinte forma: os grupos eram formados em sala de aula para realizar os trabalhos e eu sempre ficava com as meninas. No recreio eu sempre estava junto das meninas e, por eu sempre estar junto com as gurias, os meninos começaram a me colocar apelidos, mas o que eu não entendi era o porque dos apelidos já que, se eles não queriam estar comigo, era evidente que eu iria ficar junto com as meninas que eram as que me aceitaram no seu círculo de amizade e por que eles me discriminavam por isso sendo que eram eles que não me queriam junto.

Observa-se que as relações interpessoais se referem às relações sujeito x sujeito, ou melhor dizendo, gente com gente. Estas relações interpessoais ocorrem a partir do processo de interação social (a interação entre duas ou mais pessoas, em brincadeiras, diálogos, jogos, etc). O processo de ensino/aprendizagem ocorre através das relações interpessoais, uma vez que o educando e o educador / educador e educando estabelecem vínculo durante o cotidiano escolar, vínculo esse que pode facilitar ou dificultar o processo de ensino/aprendizagem. Respeitar as individualidades de cada sujeito é fundamental nas relações interpessoais que ocorrem no âmbito escolar. As relações interpessoais podem ser divididas em dois grupos: negativas e positivas. Sendo as positivas: respeitar as individualidades e as peculiaridades de cada sujeito e negativas sendo o contrário das relações interpessoais positivas, de forma que os sujeitos não respeitam as opiniões do outro. Conforme nos afirma Agostinho Minucucci (1978), é importante o ser humano saber ouvir o outro, pois saber ouvir é uma das ferramentas fundamentais para comunicação interpessoal. Dessa forma, o saber ouvir precisa estar presente no âmbito escolar para que os indivíduos consigam compreender o outro. Muito além das relações de aprendizagem, também é na escola que ocorrem os processos de aceitação, de interação e de diálogo, uma vez que os grupos interagem entre si, formando um entrelaçamento de ideias e de gêneros. É na escola que se aprende a viver em sociedade e a conviver com o outro, por isso a necessidade de estabelecer políticas que incentivem o respeito a diversidade de opiniões, de gênero e de identidade.

Os sujeitos muitas vezes nem percebem como se relacionam com o outro e muito menos se dão por conta dos seus comportamentos. Isso ocorre por não terem um conhecimento aprofundado do seu “eu”. Esse conhecimento irá fazer sentido

quando o sujeito conseguir fazer reflexões intrapessoais que quer dizer “eu” me autoconhecer e assim, a partir deste conhecimento, ficará mais fácil de estabelecer relações interpessoais, possibilitando o respeito e a compreensão sobre o outro. Segundo Minucucci (1978) os sujeitos não atingem sucesso em suas relações interpessoais devido aos julgamentos que estabelecem do perfil dos outros indivíduos, julgando suas roupas, sua cor preferida, seus gestos, seus modos de agir, suas brincadeiras e sua forma de se expressar. Se enxergar o outro como simplesmente um outro ser humano, aí sim será possível conhecer sua verdadeira essência, segundo Juan José Mourino Mosquera e Claus Dieter Stobäus:

Frequentemente nos custa muito parar para ouvir os outros, estamos muito mais preocupados em que nos ouçam, porém pouco dispostos a ouvir. O ouvir os outros e aprender a vê-los como são realmente é fundamental para as relações interpessoais, em especial para os professores, que devem de estar muito atentos e poder, assim, agir melhor na realidade (MOSQUERA; STOBÄUS, 2004, p. 97).

As relações interpessoais são fundamentais para o desenvolvimento da formação de valores, crenças, saberes e pré-conceitos, segundo Jean Piaget (1954) esta formação de valores ocorre através das trocas afetivas que os sujeitos estabelecem uns com os outros a partir das relações interpessoais. Cada sujeito constrói seus valores, crenças, saberes e pré-conceitos a partir do seu meio social, possibilitando a formação da sua identidade enquanto sujeito. Esses valores influenciam em sua conduta na sociedade e nas suas relações interpessoais.

Portanto, acredita-se que o educador/a tenha que proporcionar atividades que integrem os sujeitos, possibilitando uma relação interpessoal positiva entre os educandos/as, realizando mediações que busquem facilitar o contato educando/educando e educando/educador. Com isso fica claro a necessidade do educador/a incentivar práticas educacionais que contribuam para o autoconhecimento, a aceitação e o respeito a diversidade, proporcionando a reflexão e o incentivo para uma escola não sexista.

As relações formadas durante a escolarização proporcionam momentos de divertimento e autoconhecimento, fazendo com que, além de colegas, exista a criação de amizades importantes para o processo de aceitação, também úteis para o trabalho da coletividade e do respeito ao outro, lembrando que a formação de grupos que tem interesses em comum criam laços para que a caminhada não seja tão dura e fria, ou seja, esses laços proporcionam que a caminhada seja mais leve uma vez que

enfrentar as dificuldades na companhia de quem nos apoia e incentiva torna o processo prazeroso. Com isso, nesta época tive um porto seguro uma amiga que se chama Nyna, e que jamais deixou uma forma de discriminação ou de desrespeito acontecer comigo sem ela falar alguma coisa para me defender. A mesma sempre argumentava dizendo que ninguém poderia me desrespeitar pois aquele Valmer que estava junto com as meninas não estava fazendo nada de errado e o respeito é a base de tudo. Juntamente com ela eu comecei a ganhar espaço nas rodas de amizade. Nós começamos a praticar bullying com os outros estudantes, mas foi uma forma de nos defendermos, uma vez que ao analisar de que forma o preconceito se estabelecia, ficou claro que os grupos escolhiam as minorias para a prática de bullying, ou seja, a escolha era pré-determinada.

Todas as escolas sempre possuem aquele grupo que é o maioral da escola, que todos querem estar nele, todo mundo quer conversar com as pessoas que fazem parte do grupo e este grupo éramos nós e com o passar do tempo não ficou mais só no grupo das meninas, os meninos começaram a entrar e a partir daí comecei a interagir com os meninos também e o nosso grupo se diversificou de meninos e meninas. A realidade nos obriga a refletir acerca do que nos cerca, tendo em vista que é necessário uma reflexão mais aprofundada acerca do entendimento de homem e mulher, conforme diz Guacira Louro:

"Nós só podemos escrever a história desse processo se reconhecermos que "homem" e "mulher" são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes. Vazias, porque não têm nenhum significado último, transcendente. Transbordantes, porque mesmo quando parecem estar fixadas, ainda contêm dentro delas definições alternativas, negadas ou suprimidas" (LOURO, 1995, p.93).

Quando os meninos chegavam no grupo sempre começavam a conversar com as meninas e pouco a pouco iam conhecendo o Valmer através delas, não olhavam para o "veado" que os outros falavam, mas simplesmente para o meu jeito de ser e conheciam a minha essência e tornavam-se meus amigos.

4.1 O poder (auto)(trans)formador da educação: um processo permanente e humanizado - O ensino médio e o Ensino Superior

Início esta fala defendendo a ideia de que a educação é uma palavra muito ampla pois abrange conhecimentos que ultrapassam os muros da escola. Esses conhecimentos são formais, informais e ocultos (Freire, 1996). A educação tem o

papel transformador de criar possibilidades para que sejam rompidos os obstáculos que a sociedade impõe na vida de cada indivíduo. Com isso a educação trabalha com a perspectiva de semear esperança nos oprimidos, uma vez que os menos favorecidos ou discriminados veem na educação a ferramenta chave para a construção de pontes para os seus anseios, buscando no conhecimento o complemento necessário para a criação de novas possibilidades.

Não é fácil falar sobre a minha escolarização, uma vez que a ação de olharmos par nós mesmos é muito mais difícil do que falar a respeito do outro. Uma das lembranças que irei narrar agora é a pior lembrança que posso acessar, pois me remete ao preconceito da forma mais rude de acontecer, o preconceito baseado na intimidação e na humilhação. Ocorreu no ensino médio, na escola Maria Rocha. Quando cheguei à escola, em 2011, especificamente no primeiro dia de aula vi todos os alunos extremamente alegres para iniciar um novo ciclo, fiquei na turma “K”. Logo nos primeiros dias de aula consegui compreender que a turma era dividida em dois grupos, um sendo formado por alguns meninos que eram repetentes que se achavam os melhores da escolas, os “topzera”, e o outro grupo formado pelo restante da turma, sendo formado por uma diversidade social entre meninos e meninas. Esse grupo dos meninos praticavam bullying todos os dias com alguém, mas ninguém fazia nada, todo mundo dava risada e apoiavam suas ações, talvez porque tinham medo. A opressão nada mais é do que um atraso no sistema evolutivo de quem a sofre, tendo em vista que somente quem sofre opressão pode dizer e falar a respeito de suas consequências, conforme diz Paulo Freire:

Quem melhor que os oprimidos, se encontrara preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual de oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida. (FREIRE, 2014, p. 42-43)

Quando quisermos compreender o que é preconceito, não é nos livros que iremos encontrar as respostas, mas sim nas pessoas que sofrem o preconceito. Ninguém melhor do que quem sente realmente as feridas do preconceito para falar a respeito, pois para expor o que se sente é necessário sentir. Com isso cabe a reflexão de que somente o excluído pode falar a respeito da exclusão, com isso a importância do professor/a trabalhar esses sentidos para que as minorias tenham voz dentro da

sala de aula e possam falar a respeito de seus sentimentos em relação as represálias que sofrem.

O grupo que mais me identifiquei foram os esquisitos, que era constituído por emos, punks, os coloridos e as pessoas que simpatizavam com os mesmos. Nós não levávamos desaforo para casa, pois se mexiam com algum de nós, o circo pegava fogo. O grupo dos bons jogavam todos os dias futebol no intervalo, onde voltavam para a sala e com odor desagradável. Certo dia em uma aula de biologia a professora começou a falar que tinha um cheiro estranho na sala e que o pessoal deveria se cuidar, pois era calor e o corpo transpirava e que ninguém era obrigado a sentir aquele odor. Com o passar dos dias, aquele grupinho que se achavam os bons começaram a dizer que quem tinha o odor ruim era eu. Entretanto, o boato entrava por um ouvido e saía pelo outro pois eu não queria arrumar confusão, uma vez que eles eram em maior número e agressivos. Resumindo: eu tinha medo de apanhar.

Na mesma semana das piadinhas sem graça, teve a eleição para o líder da sala de aula. Saliento que ganhei a eleição. Logo que acabou a eleição e as professoras se ausentaram, este grupo dos meninos começaram a dizer que a turma era amaldiçoada pelo espírito dos veadinhos, pois no ano anterior o líder da turma também era um veado e este ano quem ganhou novamente era um veado. Pergunto-me: quem é que gosta de ser ridicularizado? Quem é que gosta de ser motivo de piada? Mas para eles era só uma “brincadeira”. Essa brincadeira tem nomes: preconceito e discriminação

Passaram-se os dias até perceber que as pessoas passavam por mim e davam risada. Sentia alguns olhares discriminatórios, até que chegou aos meus ouvidos que estes meus colegas estavam fazendo uma campanha para me ajudar pedindo produtos de higiene nas turmas dizendo que um dos colegas deles chamado Valmer ia para a escola sem banho. Fiquei horrorizado com aquilo. Voltando para a sala de aula, eles começaram a gritar quando eu entrei: “Estamos sentindo cheirinho de veado do banhado”. Comecei a chorar e fui para o meu lugar. Quando o professor de história entrou e viu que tinham colegas ao meu redor, perguntou o que estava acontecendo e eu respondi que estava tudo bem e eu apenas não estava legal naquele dia. No decorrer da aula continuaram as piadinhas. Um desenho começou circular, tentando fazer um retrato meu onde estava escrito: “Não basta ser gordo e veado, tem que ser fedido”.

Quando uma das minhas amigas pegou o desenho que estava passando pela sala, me mostrou e disse para irmos à direção pois isso tinha que acabar. O professor, sem saber do ocorrido, perguntou o que estava acontecendo. Ao relatar tudo para ele, o mesmo levou-me à direção onde eu não consegui me acalmar. Contei para a direção o que estava acontecendo, mas não conseguia parar de chorar, pois não aguentava mais a humilhação que estava sentindo. Uma das minhas colegas chamada Michele entrou na direção e me abraçou dizendo: "Fica calmo! Eu sinto todos os dias isso que tu estás sentindo, pois as pessoas debocham porque eu uso saia, porque sou da igreja assembleia". Disse para ela que era diferente, mas ela me disse que o tipo de preconceito era diferente, mas que a dor que estávamos sentindo era a mesma. Assim, fui me acalmando aos poucos. A direção chamou os meninos, conversaram, eles choraram e falaram que não iam fazer mais e todo aquele *blá blá blá*. Quando deu o sinal para irmos embora e eu sai na frente da escola, fui surpreendido por aquele grupo onde me agrediram com socos e chutes. Não pensei duas vezes e revidei tudo. E meus amigos me ajudaram.

Lembro até hoje de um colega chamado GG que fazia parte deste grupo dos meninos que eu feri o rosto dele no chão. A briga foi apartada pelo pessoal da cantina da frente da escola. No outro dia quando cheguei a escola os familiares do colega que eu acabei ferindo estavam em peso na escola fazendo um show querendo justiça. Entre eles, a mãe do garoto, dizendo que um vileiro jamais iria machucar o filho dela e sair impune, pois com esse tipo de gente ela sabia lidar. A direção da escola argumentou com ela, expondo as atitudes que o filho dela estava fazendo ao longo dos dias em relação ao preconceito, destacando também que eu estava errado agredindo ao colega.

A mãe do menino disse que se eu era puto, eu tinha que saber que eu ia sofrer preconceito, e será que eu ia bater em todos? Neste momento a escola se posicionou a meu favor e disse a ela que ela deveria me respeitar e não deveria falar comigo pois eu era um aluno e não estava na presença dos meus pais. Implorei para a escola não chamar os meus pais. Pois não queria dar mais uma decepção, pois era o que eu pensava nessa época. Com o passar dos dias e mais alguns acontecimentos pessoais em casa, troquei de escola. Fui estudar na escola Olavo Bilac onde tive a oportunidade de conhecer o Curso Normal.

Quando cheguei na escola, estava junto de um menino que, por ventura, era meu namorado. Cheguei pedindo informação sobre as vagas para o primeiro ano do

ensino médio, pois não queria mais ficar na outra escola, meu namorado era do Maria Rocha e não queria trocar de escola. Fui encaminhado para a coordenação do ensino médio e lá o coordenador me explicou que existiam dois ensinos médios, sendo o ensino médio regular e o Curso Normal, sendo esse um curso de formação de professores. Me apaixonei, pois, era o que eu precisava no momento e logo fiz minha inscrição no curso. Saliento que um dos episódios que me chamou muito a atenção foi que quando eu e meu namorado estávamos chegando na escola, a pessoa que nos recebeu disse que eu poderia fazer o Curso Normal mas o meu namorado não, pois ele não tinha perfil, uma vez que ele era roqueiro e tinha um estilo próprio. Penso que todas as vivências e experiências que o Curso Normal me possibilitou contribuíram para a pessoa e profissional que sou hoje, pois foi a minha base enquanto estudante e futuro professor, fazendo com que eu tivesse acesso a autores e conteúdos relacionados à docência. “Ninguém começa ser educador numa certa terça-feira, às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, na prática e na reflexão sobre a prática”. (FREIRE, 1991, p.58)

Logo no início do curso, agarrei-me em um sonho ou objetivo: eu queria mostrar para as pessoas que eu não era somente um gay, mas que eu podia ser além do estereótipo do gay que as pessoas constroem historicamente, pois grande parte das pessoas relacionam o gay com a prostituição e eu queria mostrar que eu podia ser mais do que isso. Que eu podia voar mais alto e ocupar um lugar social, um lugar de respeito.

Eu na UFSM:

Agora falarei das minhas vivências e experiências que tive e estou tendo na Universidade Federal de Santa Maria, lugar que me encontro hoje, onde estou tendo a oportunidade de ampliar os meus saberes. Esta instituição de ensino está me possibilitando compreender diversas inquietações do meu cotidiano, através do ensino e da pesquisa. Como diz Paulo Freire (1996) não existe ensino sem pesquisa e pesquisa em sem ensino.

Em 2014, quando entrei na universidade, meus conhecimentos em relação as concepções de gênero eram muito pequenas, pois eu não tinha uma bagagem teórica que contribuísse para a ampliação de meus horizontes (os conhecimentos sobre gênero). Saliento que eu não era uma pessoa engajada dos movimentos sociais,

nunca lutei por igualdade de gênero, pois eu não tinha conhecimento. Precisei compreender primeiro a realidade na qual vinha me inserindo para depois poder defendê-la, pois somente conhecendo é que posso transformá-la, como explica Paulo Freire:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho. Intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1996, p.32)

Eu acreditava que o preconceito era algo natural da sociedade, também pensava que as coisas nunca iriam mudar. Eu dava risada das piadas homofóbicas sem questionar, pois aquilo não me incomodava, mas, após a minha entrada no curso de pedagogia, as coisas foram mudando, pois no primeiro semestre eu tive o prazer de conhecer uma professora chamada Márcia paixão. Essa professora despertou um ser curioso, me fez querer procurar e saber mais sobre as relações de gênero na sociedade, também queria saber a história dos movimentos sociais, saber como as pessoas construíram historicamente essas opiniões relacionadas ao gênero e carregam até hoje, de forma arcaica e preconceituosa.

Hoje posso garantir que não dou risada e não aceito uma piada homofóbica, uma vez que, a orientação sexual dos sujeitos não é motivo de dar risada. É inadmissível que até hoje em nossa sociedade acontece esse tipo de piada! Saliento que grande parte das pessoas que fazem piadas homofóbicas estão tentando vulgarizar os homoafetivos, tentando passar uma imagem relacionada ao sexo vulgar. Com isso, após várias reflexões acerca de minha existência no mundo e do meu papel enquanto professor e formador de opinião fez com que me tornasse empoderado, capaz de dialogar e debater acerca dos movimentos sociais em prol da minoria e de lutar em busca de respeito e vidas dignas para quem vem sofrendo preconceito. O ato de empoderar-se fez com que eu tivesse consciência do meu lugar no mundo, ou seja, tivesse consciência de que além de ser homoafetivo, também sou aluno, professor, filho, irmão, amigo e todas as outras particularidades que surgirão ao longo da vida.

Ana Freitas (2016) defende que a palavra “empoderamento” é descrita em dicionários da língua portuguesa como Aurélio e Houaiss. De acordo com eles, o termo conceitua o ato ou efeito de promover conscientização e tomada de poder de influência de uma pessoa ou grupo social, geralmente para realizar mudanças de ordem social, política, econômica e cultural no contexto que lhe afeta. Ainda com

Freitas (2016), a palavra empoderamento, um neologismo que tem origem no termo inglês “*empowerment*”, define um conceito fundamental para entender as aspirações desses movimentos sociais. Magdalena Leon explica que

Uma das contradições fundamentais do uso do termo “empoderamento” se expressa no debate entre o empoderamento individual e o coletivo. Para quem o uso o conceito na perspectiva individual, com ênfase nos processos cognitivos, o empoderamento se circunscreve ao sentido que os indivíduos se autoconferem. Tomo um sentido de domínio e controle individual, de controle pessoal. E “fazer as coisas por si mesmo”, “ter êxito sem a ajuda dos outros”. Esta é uma visão individualista, que chega a assinalar como prioritários os sujeitos independentes e autônomos com um sentido de domínio próprio, e desconhece as relações entre as estruturas de poder e as práticas da vida cotidiana de indivíduos e grupos, além de desconectar as pessoas do amplo contexto sócio-político, histórico, do solidário, do que representa a cooperação e o significa preocupar-se com o outro. (LEON, 2001, p.97)

Acredito que o debate a respeito do empoderamento deva estar em constante reflexão no âmbito escolar. Embora ainda exista represália por parte dos pais ou até alguns professores/as, o assunto é de extrema importância e necessário, visto a realidade em que estamos inseridos atualmente.

Com base em tudo isso, todos os percalços que se fizeram presentes no meu processo de escolarização foram necessários para a construção de minha identidade enquanto ser social e para a construção da minha vontade de ser professor para que fosse possível contribuir com a mudança da realidade da educação.

A educação nada mais é do que um grande quebra cabeça e os professores são as peças fundamentais neste processo de construção e reconstrução. Com isso, fica evidente aqui que tudo aquilo que passei foi de extrema importância para que eu me tornasse a pessoa que sou hoje. Para completar este diálogo aqui proposto, não posso deixar de refletir acerca de minha caminhada enquanto acadêmico de uma universidade pública, visto que os desafios encontrados ao longo do caminho acabaram se tornando incentivo para que cada vez mais buscasse aprofundar minha docência e meu empoderamento enquanto ser social consciente de sua posição no mundo. A consciência de mim mesmo fez com que o aluno prestes a se tornar professor tenha direito a voz e vez e possa dizer sua palavra nos mais diferentes espaços, tendo em vista a liberdade de expressão e a autonomia de ser o que se é perante a sociedade.

5. INTERROMPENDO O DIÁLOGO PARA IR ALÉM DA PESQUISA

Escrever um trabalho de conclusão de curso autobiográfico exigiu de mim consciência de minha pessoa enquanto ser social, com poder de auto transformação permanente, tendo em vista que minha presença no mundo não é mera coincidência. Por isso escolher dialogar a respeito de minha trajetória nos diferentes lugares dentro da sociedade nada mais é do que um ato de coragem. A coragem que implica na aceitação de minha história e na reflexão de meus passos. Isso foi possível graças ao aprendizado que tive em muitos lugares e que me possibilitou me reinventar e auto-transformar ao longo de minha vida.

Minha história começou no momento em que fui planejado pela minha família e, logo após nascer, iniciou-se meu processo de autoconhecimento e de conhecimento e leitura do mundo. Vivenciei dentro do meu primeiro mundo as doçuras e amarguras de ser quem sou, sendo meu primeiro mundo minha casa e minha família. A falta de informação, de condicionamento e de empatia fazia com que minha família tivesse preconceito com o outro, talvez por não compreenderem e não aceitarem uma realidade diferente da qual estavam acostumados e tinham planejado.

O processo de autoconhecimento se estendeu para o período escolar, tendo em vista que logo no início da escolarização tive dificuldades de aprendizagem, fazendo com que acontecesse atraso no meu processo de aprendizagem. Tinha consciência de que não estava aprendendo no tempo certo, como diziam. No entanto, vale lembrar que as atividades que eram interessantes para os colegas não eram para mim e, com isso, meu atraso no processo de aprendizagem se fazia presente todas

as vezes que atividades eram propostas. Com isso, iniciou-se um processo de bullying contra mim e contra meus interesses. Meus colegas não aceitavam o fato de que éramos diferentes e, portanto, tínhamos gostos diferentes, principalmente no fato de que nosso gênero era o mesmo, mas nossos interesses eram diferentes, mas isso não fazia com que eu me tornasse de outro gênero, mas sim um menino com gostos e interesses que tinham outro viés.

Através disso surgiu desde sempre a vontade de refletir e pensar em propostas para uma educação não sexista onde pudesse respeitar as diferenças e incluir a diversidade. Ao perceber a falta de interesse dos professores/as na Educação Infantil em buscar alternativas para combater o preconceito na sala de aula, percebi que a escola também poderia ser amarga e dolorosa para quem venho e vem depois de mim. Ao ir caminhando para as séries seguintes, pude perceber a diversidade nos métodos de ensino e pude iniciar meu processo de reflexão a partir da escola e dos docentes.

A escola tem papel fundamental na leitura e na vida de cada estudante, sendo que é no processo de escolarização que a pessoa precisa se sentir acolhida para se sentir confiante e criar coragem para adentrar no mundo do conhecimento. É na escola que se iniciam os processos de interação e aprendizagem. Um dos deveres da família e da escola é trabalhar para que o diferente não seja visto como errado ou anormal, tendo em vista que dentro de uma mesma família ninguém é igual, porque deveriam ser iguais na escola ou na sociedade?

Através de meu processo formativo escolar e pessoal fui modificando minha personalidade e minha visão de mundo, buscando compreender a realidade que me cercava e procurando dialogar com o cotidiano e com a teoria para enfrentar as dificuldades. Com isso, o carinho e a inquietação pela escola fez com que eu me tornasse professor, tendo a oportunidade de dialogar com diferentes teorias da educação e buscando compreender um pouco de cada para criar meu método de ensino. A educação fez com que meu caminho se tornasse uma trajetória de sonhos e descobertas. Compreendi que o papel da escola vai muito além do ensino, tendo em vista que a organização da sala de aula, da disposição dos materiais da escola, das atividades e da separação entre um conteúdo e outro tem grande significado na formação estudantil. Muitas vezes a sala é organizada de forma sexista, separando o espaço dos meninos e das meninas com cores e objetos que representem cada um, os materiais são escolhidos para meninos e meninas por cor como azul e rosa e as

atividades são classificadas como podendo ser realizadas por esse ou aquele estudante definindo e classificando os papéis de gênero.

A ideia de brincar de boneca é atividade de menina e jogar futebol é brincadeira de menino, reforçando a divisão de gênero. Muitas vezes as brincadeiras surgem unicamente para educar os corpos, ou seja, tem o objetivo de inserir nas crianças um papel que talvez elas não queiram representar, um sentimento que elas não querem sentir e uma realidade que elas não estão inseridas. Daí a importância da reflexão acerca de todo planejamento escolar, buscando planejar atividades que sejam interessantes e saudáveis para todas as crianças independente do gênero.

A partir da prática pedagógica que venho desenvolvendo nas escolas, tenho criado propostas para uma educação não sexista. A educação não sexista trata-se de uma educação voltada para o desenvolvimento da pessoa sem importar-se com seu gênero, ou seja, uma educação sem rótulos, onde meninos e meninas possam interagir entre si sem separações e julgamentos. A educação não sexista trabalha com a igualdade de sexos como principal metodologia, pois a educação não interfere na identidade de gênero da pessoa. A educação constrói conhecimentos e, estes, precisam ir à direção da igualdade entre as pessoas e para todas as pessoas. O que cada pessoa quiser ser é processo individual.

Atualmente minha prática de ensino vem sendo desenvolvida através de uma proposta de educação não sexista. Percebo que ainda existe a pedagogia da fila, onde os professores/as separam as crianças por sexo em duas filas para entrar na sala de aula. Com base nos estudos de gênero me questiono: é preciso fazer filas? Porque ao invés das filas não podemos andar de mãos dadas em grupos de três crianças para entrar na sala?

Muitas vezes sou cobrado nas escolas para realizar filas, então, a partir da perspectiva feminista, a fila que realizo é da seguinte forma: tenho uma caixinha e nessa caixinha possuem fichas amarelas e laranjas, no início da aula os meus alunos retiram fichas e a cor que eles retirarem eles formam filas, ou seja, a fila amarela e a fila laranja. Não há necessidade de fazer uma divisão de sexo nas filas, pois quero que eles compreendam que na sociedade os homens e mulheres não estão separados, não existem rótulos de que a fila dos meninos é formada por bagunça e a das meninas por organização. Muitas vezes sou questionado pelos meus colegas professores/as se eu não sinto pena das meninas, pois os meninos as atropelam. Nessa hora, faço o questionamento: é preciso ensinar os meninos a não atropelar as meninas por que elas são delicadas ou preciso ensinar que aquele que atropela

precisa aprender a respeitar o outro, visto que também existem meninos e meninas que são frágeis e que todo mundo precisa de respeito? Esse é o ensinamento visando uma escola não sexista

Outra prática que tenho com relação à divisão dos brinquedos em sala de aula: em muitas escolas por onde passei percebi a divisão sexual em relação ao lugar onde são guardados os brinquedos. Os brinquedos dos meninos são guardados em uma caixa azul e os das meninas em uma caixa rosa/lilás e, em hipótese alguma, podem ser misturados ou trocados. Aqui, percebe-se o conceito de gênero presente na vida da escola de uma forma normativa, porém não escrita. Durante minhas práticas sempre dividi a sala com outros docentes e percebi a dificuldade em romper essa barreira, pois a organização não dependia só de mim. Primeiramente era preciso dialogar e fazer com que a colega compreendesse a metodologia que eu utilizaria, sendo que separo os brinquedos em duas caixas com cores neutras (ditas por uma sociedade sexista, pois no meu pensamento todas as cores podem ser usadas por todos os gêneros), onde os brinquedos são misturados, pois cada criança escolhe o brinquedo que satisfará a sua necessidade naquele momento visto que as crianças estão explorando novas brincadeiras a todo instante.

Ao longo de minha prática percebi que as crianças já vinham educadas, ou seja, quando falava em guardar os brinquedos elas já faziam uma separação dos brinquedos separando em meninos e meninas, daí a importância de explicar que eram apenas brinquedos e, portanto, todos poderiam brincar. Essa educação que venho fazendo acerca do gênero mostrou que os meninos têm vergonha de brincar com os brinquedos que socialmente eram de meninas e vice-versa.

Destaco que para seguir com estas práticas é preciso ter consistência argumentativa teórica para prosseguir, pois se iniciam os questionamentos dos pais, dos colegas e da direção da escola. Precisei estudar as questões de gênero para explicar aos pais e mães a minha metodologia. Ao ver um menino brincando com boneca é preciso explicar para esse pai que a brincadeira não irá influenciar no gênero desta criança, mas sim ensiná-lo a ser pai, ter afeto, ter vínculos, que são atributos do ser humano e que precisamos aprender desde cedo. Com isso, é preciso compreender a importância de ouvir as crianças e entender seus interesses e os motivos que as fazem criar determinadas brincadeiras.

Outro ponto a ser destacado é a importância de refletir acerca das animações/filmes a serem apresentadas para as crianças. É importante pensar se na animação algum sexo está sendo favorecido ou de que forma os personagens do sexo

masculino e feminino estão sendo representados. É importante que esta reflexão seja feita para que nenhuma criança sintam-se enaltecida ou menosprezada, mas sim que todos se sintam confortáveis e satisfeitos com a animação a ser exibida.

Sabe-se que a criança internaliza os sentimentos vivenciados, sendo estes grandes aliados na construção de sua personalidade e caráter. É preciso trabalhar essas animações para que as crianças compreendam e tenham consciência, ou seja, para que a escolha de animações vá além da escola, para que possam opinar em casa e nos mais diversos lugares, podendo dizer a sua palavra e cobrar respeito e cuidado com as animações. Uma das animações com a qual gosto de trabalhar é uma animação lançada no ano de 2016 cujo nome é “Zootopia”. Zootopia é uma cidade onde animais denominados predadores, como leões, ursos, leopardos, tigres e presas como coelhos, ovelhas, preguiças vivem juntos em harmonia, mas antigamente não era assim. Os predadores, por serem mais fortes, atacavam as presas, visto que eram ensinados para serem predadores e as presas ensinadas para terem medo dos predadores. Com a criação da cidade Zootopia foi repensado o modo de vida desses animais, pensando que presas e predadores poderiam viver juntos, onde ambos pudessem exercer a profissão que quisessem.

No filme, são apresentados animais que se opõe a esse modo de vida, pois acreditam que cada um já tem uma função pré determinada, sexista e hierárquica. Na ideia de uma sociedade justa e igualitária, proposta nos estudos feministas, trabalho com essa animação nas minhas aulas em prol da reflexão de que as crianças não precisam agir de acordo com comportamentos opressivos e discriminatórios, mas que cada um pode se expressar de acordo com seus sentimentos, que meninos podem chorar e que meninas podem sentir raiva, onde os meninos e as meninas podem brincar com o que eles quiserem sem ter medo do que os outros vão dizer. Assim, procuro incentivar o respeito e a igualdade de gênero de uma forma que as crianças entendam.

Outro ponto a ser destacado para a realização de uma educação não sexista é a escolha das literaturas a serem trabalhadas em sala de aula, uma vez que gosto de trabalhar muito com a hora do conto. A escolha das literaturas emerge da necessidade de compreender e adentrar na realidade das crianças escolhendo textos que não façam menção a discriminação de gênero, mas que contemplem ambos de forma justa. Uma de minhas escolhas de literatura emergiu a partir de uma escuta sensível onde os meninos estavam privando as meninas de brincarem juntos. A brincadeira deles era sobre os vingadores, onde eles eram heróis e elas deveriam ser as princesas

para que eles pudessem protegê-las e salvá-las. Eles colocavam as meninas dentro de uma casinha de madeira para que pudessem tomar conta da casinha.

A partir da experiência vivida pela turma e a partir de minha visão feminista, fiz um diálogo com a turma a respeito do filme Vingadores destacando a existência de uma personagem mulher no filme que também lutava e defendia. Busquei uma literatura chamada “Princesas em greve” para possibilitar que a turma reconstruísse seus conceitos de princesa. A literatura traz que as princesas entraram em greve, pois a sociedade acredita que elas não fazem nada além de serem bonitas e indefesas, que as mesmas só podem ser figurantes nas histórias e ficarem esperando o príncipe encantado. Mas quem disse que elas precisam ser salvas ou protegidas? Elas querem mostrar que elas podem ser o que elas quiserem. Com base nesta história, as meninas do mesmo modo que as princesas podem brincar do que quiserem na sala de aula, podendo ser princesas guerreiras, realizando aventuras e desbravando o mundo. Percebo que esse trabalho teve resultado, pois com isso as crianças não estão mais se dividindo por sexo mas sim pela vontade de brincar.

Já o trabalho que realizo nos anos iniciais não emerge da literatura da hora do conto, mas sim da escolha de textos que possam contribuir com os conteúdos a serem desenvolvidos. Por exemplo, a escolha de textos que estejam interligados com Matemática, Ciências, Português, História e demais conteúdos, mas que sejam textos inspiradores e incentivadores de uma educação não sexista, ou seja, o tema da educação não sexista acaba por ser um tema gerador sendo incentivador de todos os conteúdos trabalhos dentro e fora da sala de aula. Gosto muito de trabalhar com a leitura deleite, escolhendo textos que possam ser trabalhados em sala de aula sempre que houver uma demanda. Quando percebi que as meninas estavam sendo desvalorizadas pelos meninos, procurei trabalhar textos da valorização da mulher para que os meninos tivessem consciência e respeito e as meninas tivessem consciência de seu valor. Percebi que as meninas gostavam de ouvir funk, daí a necessidade de explicar que o ritmo musical não tem problema algum, mas sim que as letras interferem na nossa formação, pois as letras de funk muitas vezes desvalorizam as mulheres.

Com isso, as meninas começaram a fazer auto pesquisas em busca de compreender e de encontrar o que lhes faltava mas sem ferir a elas mesmas. Em uma apresentação, as meninas falaram sobre assuntos que não haviam sido mencionados em sala de aula, ou seja, as meninas pesquisaram coisas que iam além da sala de aula e buscaram compreender o que acontecia ao redor delas. A partir disso realizei

um trabalho focado nas diferenças, no decorrer disso foi feita uma manifestação contra as discriminações que existiam no mundo.

Outra história que vale a pena ser lembrada é sobre a apresentação da festa junina. Minha turma de educação infantil é composta por 14 crianças, sendo 7 meninos e 7 meninas. Só me dei por conta desta coincidência ao realizar a chamada para montar as duplas, pois não tenho chamada de meninos e meninas uma vez que minha chamada é composta por todos os alunos/as. Falando assim seria fácil e óbvio montar as duplas para a dança, no entanto, não caberia a mim escolher quem dançaria com quem, uma vez que todos tem o direito de escolha e muito menos caberia a mim montar casais de menino e menina, pois todos tem o direito de dançarem com quem quiserem, seja menino ou menina. Dito isso, cada um escolheu sua dupla, ai tínhamos dupla de menino e menina, menina com menina e menino com menino. No dia da apresentação fui questionado sobre o fato de ter duplas homogêneas, como se existisse um padrão de duplas. Com isso expliquei que toda criança tem o direito de escolher e não cabe a ninguém escolher por ela ou determinar com quem ela irá realizar as atividades.

É preciso compreender que a sociedade atual tem crescido e compreendido os processos de modernização e tem aceitado melhor do que antigamente algumas mudanças, no entanto o caminho ainda é longo e trabalhoso.

Minha trajetória enquanto professor e cidadão não se fez sozinha, uma vez que meu processo de aprendizado teve a contribuição de várias pessoas. Com isso, minha história não se inicia e nem se encerra sozinha, pois ao caminhar um passo me afasto dez passos de meu objetivo, pois o diálogo nunca se encerra, ele apenas é adiado para que seja retomado com novos conceitos e novas leituras.

Assim, meu trabalho não termina aqui. Nesse Trabalho de Conclusão de Curso fiz um recorte didático para refletir acerca das possibilidades da escola não ser sexista e excludente a partir de minha trajetória de vida e profissional. Dessa forma, entendo que respondi aos meus objetivos da pesquisa, mas sou sabedor que muitas outras coisas podem ser explicitadas e aprofundadas nesse grande campo da educação não sexista. Finalizo com a sensação de que é possível uma educação que não discrimina, que é humana, crítica e justa.

6 REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria H. M. B. **Memória, narrativas e pesquisa autobiográficas.** História da Educação. ASPHE, Pelotas, n.14. p. 79-95, set. 2006.
- ABRAMOVAY, Miriam. **Cotidiano das escolas: Entre violências.** Brasília: UNESC. 2002.
- DELORY-MONBERGER, Christine. **Biografia e Educação: figuras do indivíduo-projeto.** São Paulo/Natal, Paulus/EDUFRN, 2014.
- FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler.** São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- _____. **Pedagogia da Indignação.** São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- _____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Pedagogia da Esperança.** São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- _____. **Pedagogia do Oprimido.** São Paulo, Paz e Terra, 2009.
- _____. **Professora Sim, Tia Não.** São Paulo, Paz e Terra, 2014.
- FREITAS, Ana. **A Origem da Palavra Empoderamento: Neologismo criado pelo educador Paulo Freire é uma adaptação de um termo em inglês e está no centro do discurso de movimentos da sociedade civil.** Nexo Online, 2016. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/10/06/A-origem-do-conceito-de-empoderamento-a-palavra-da-vez>. Acesso em: 10 de junho de 2019.
- GROSSI, Mirian; HEIBORN, Maria Luiza e RIAL, Carmen. **Entrevista com Joan Wallach Scott.** Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, v. 6, n. 1, 1998.
- GUIZZO, Bianca Salazar. **Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo.** UFRGS. Porto Alegre, RS. 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- JOSSO, Marie Christine. **Experiência de Vida e Formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

LEON, Magdalena de (comp.). **Poder y Empoderamiento de las Mujeres**. Bogotá, Coedición del Tercer Mundo Editores, Fondo de Documentación Mujer Y Genero de la Universidad Nacional de Colombia. 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, História e Educação: construção e desconstrução**. v. 20. Rev. UFRGS. p. 01-10. Porto Alegre, RS. 1995.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e recriando a prática**. Salvador: Malabares Comunicação e Eventos, 2003.

_____. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós estruturalista**. p. 14-36. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

_____. **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. USP. p.59-71. São Paulo, SP, 2000.

MEYER, Esterman. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, Vozes. RJ, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MINUCUCCI, Agostinho – **Relações Humanas: psicologia das relações interpessoais**, São Paulo, Atlas 1978.

MOSQUERA, Juan José Mourino; STOBÄUS, Claus Dieter. **O professor, personalidade saudável e relações interpessoais: por uma educação da afetividade**. In: ENRICONE, D. (Org.). Ser professor. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 91-107, 2004.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. 24ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. (Original de 1964).

SALLA, Fernanda. **O conceito de afetividade em Wallon**. Rev. USP. p. 19-25. São Paulo, SP. 2011.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, vol. 16, no 2, Porto Alegre, jul./dez, p. 19-28. 1989.

SOCRATER DI LIMA. **Reflexões acerca do eu interior**. Recanto das Letras. Jardinópolis - São Paulo - Brasil. 2017

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **O poder do macho** / Heleieth I.B. Saffioti. -- Sao. Paulo: Moderna, 1987.

STREY, Marlene. **Gênero**. In: JACQUES et.al. (orgs). **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis, RJ. Vozes, 1998.

THOMAZ, Sueli Barbosa. **Violência na escola: ética, poder e cidadania**. Disponível em : < <http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos-revistas/24> >. Acesso em: 05 maio. 2019.

